

CARMILLA

Joseph Sheridan Le Fanu

InfoLivros.org



SINOPSE DE CARMILLA

Carmilla é um romance gótico de terror, um precursor das histórias de vampiros que inspiraram trabalhos posteriores como o Drácula. Foi publicado em 1872 e escrito por Sheridan Le Fanu, que deu à narrativa diferentes elementos que o fazem entrar no gênero gótico.

A personagem principal, Laura, narra como sua vida com seu pai muda radicalmente após a chegada acidental de uma bela, sedutora e irresistível jovem mulher. Os dois se tornam amigos íntimos após o acidente da carruagem de Carmilla em frente à casa de Laura.

A jovem inconsciente é recebida na casa do pai e da filha a fim de ajudá-la a se recuperar. A partir daí, começam os eventos mais estranhos, especialmente no comportamento de Carmilla.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Carmilla por Joseph Sheridan Le Fanu em InfoLivros.org](http://InfoLivros.org)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Carmilla author Joseph Sheridan Le Fanu](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Carmilla autor Joseph Sheridan Le Fanu](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Carmilla auteur Joseph Sheridan Le Fanu](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

CAPITULO I

O primeiro assombro

Na Estíria, embora não estejamos nem perto de ser consideradas pessoas abastadas, moramos em um castelo, ou schloss em alemão. Uma renda modesta já está de bom tamanho para levar uma vida digna nesta parte do mundo. São notáveis as maravilhas que umas oitocentas ou novecentas libras anuais podem proporcionar neste lugar. Nossos recursos não nos permitiria uma posição entre as famílias mais ricas de nossa terra natal. Meu pai é inglês, e fui batizada com um nome inglês, embora eu nunca tenha visitado a Inglaterra. Mas aqui, nestas terras solitárias e remotas, onde tudo é tão barato, não consigo imaginar que serventia o dinheiro teria para nosso conforto, ou mesmo para nossos luxos.

Meu pai foi funcionário do governo austríaco e, após conquistar sua aposentadoria e viver confortavelmente de sua pensão e seus patrimônios, por uma barganha pôde comprar esta residência medieval e a pequena porção de terra que a circunda.

Nada pode ser mais exótico ou isolado. A moradia está situada em uma discreta elevação no meio de uma floresta. A estrada, muito velha e estreita, passa pela frente de sua ponte levadiça, jamais erguida em meus tempos, e o fosso

do castelo é habitado por incontáveis peixes da raça perca e por cisnes, e nas suas águas velem minúsculas frotas de nenúfares brancos.

Acima dessa visão ergue-se o schloss, com sua fachada composta de inúmeras janelas, suas torres e sua capela gótica.

Diante do portão, a floresta abre-se em uma clareira peculiarmente irregular, e a direita do castelo uma íngreme ponte gótica faz a estrada saltar por cima de um riacho que segue serpenteando em direção as profundezas escuras dos bosques. Mencionei que este era um lugar solitário; julgue se o que digo é ou não verdade. Da entrada do saguão pode-se notar que a floresta que cerca nosso castelo se estende por 25 quilômetros a leste e cerca de vinte quilômetros a oeste. A vila habitada mais próxima situa-se a onze quilômetros, a oeste; o schloss mais próximo e dotado de alguma historicidade relevante, que é o do velho general Spielsdorf, está a cerca de trinta quilômetros a leste.

Escrevi “a vila habitada mais próxima” porque a apenas cinco quilômetros a oeste, ou seja, na direção do schloss do general Spielsdorf, repousa o que sobrou de uma vila onde resiste uma pequena e excêntrica igreja, agora sem telhado, em cujas naves laterais adormecem as tumbas da orgulhosa família Karnstein, uma linhagem já extinta e outrora proprietária de um

castelo igualmente desolado, que, do interior da densa mata, ainda observa as ruínas silenciosas do vilarejo.

A desolação desse lugar tão espantoso e melancólico é

atribuída a uma antiga lenda, que revelarei em outra hora.

Devo, no momento, falar sobre quão escasso é o número de habitantes do nosso castelo. E não levarei em consideração os serventes ou quaisquer subalternos que ocupam os edifícios adjacentes ao schloss; apenas ouça e admire-se! Éramos apenas meu pai, o homem mais bondoso da face da Terra, e que caminha a passos largos para a velhice, e eu, com apenas 19 anos na época em que se passa meu relato. Oito anos decorreram desde então.

Esses eram os integrantes da família no schloss. Minha mãe, uma dama estíria, faleceu durante minha infância, mas eu tinha uma gentil governanta que cuidava de mim desde meus tempos de criança. Não me recordo de nenhum momento de minha vida em que seu largo e amável rosto não estivesse presente.

Ela era a madame Perrodon, nativa de Berne, cujos carinho e zelo foram capazes de amenizar o luto pela minha mãe, de quem mal consigo me lembrar e que partiu quando eu ainda era tão jovem. Madame Perrodon era a terceira presença em nossa mesa de jantar. A quarta era a mademoiselle De

Lafontaine, uma moça que você classificaria, creio eu, como uma “preceptora”. Ela falava francês e alemão, enquanto madame Perrodon falava, além do francês, um inglês bastante falho. Meu pai e eu nos empenhávamos em exercitar o inglês todos os dias, parte por impedir que ele se tornasse uma língua morta entre nós, parte por motivos patrióticos. O resultado disso era uma verdadeira torre de Babel, que era motivo de divertimento para quaisquer observadores desavisados, mas não tentarei

reproduzir aqui tal confusão. Havia ainda duas ou três jovens amigas que nos visitavam eventualmente e permaneciam por tempos variados; e eu, por vezes, também as visitava.

Tais eram nossas ocasionais interações sociais. Mas, evidentemente, de tempos em tempos também recebíamos “vizinhos”, que moravam a apenas vinte ou trinta quilômetros distante. Não obstante, asseguro que minha vida era indubitavelmente solitária.

Minhas governantas exerciam o controle sobre mim tanto quanto o fariam com uma garota mimada, cujo pai solitário e viúvo permitisse agir como bem entendesse.

O caso que narrarei aqui, cujo efeito sobre minha mente foi de tremendo horror (e que nunca caiu no esquecimento), foi uma das primeiras ocorrências da minha infância da qual sou capaz de recordar. Há quem acredite que o episódio seja banal

demais para ser digno de um relato por escrito; você, contudo, entenderá por si só o motivo pelo qual escolho contá-lo.

No andar mais alto de nosso castelo há um espaçoso aposento coberto por um teto de carvalho inclinado que, apesar de eu ser a única criança ali, chamamos de quarto das crianças. Eu não tinha mais de 6 anos quando, uma noite ao acordar, olhei ao redor e não encontrei minha babá nem outra criada alguma. Acreditei estar completamente sozinha. Não fiquei com medo, pois eu era dessas crianças alegres cujos ouvidos são cuidadosamente mantidos longe do alcance de histórias de fantasma, contos de fada ou quaisquer tipos de crendices populares que nos fazem

cobrir a cabeça com o cobertor quando algum móvel de madeira estala de repente na noite, ou quando as sombras a nossa volta dançam e se alongam com o bruxuleio de uma vela prestes a se apagar. Pelo contrário, fiquei enfurecida, senti-me insultada por estar sendo ignorada pelos meus responsáveis e comecei a choramingar, ganhando fôlego para soltar um vigoroso urro de raiva. De repente, para minha surpresa, percebi que ao lado da minha cama havia um rosto, de expressão grave, mas belo, me observando. Era o rosto de uma jovem moça, ajoelhada e com as mãos debaixo do cobertor. Cessando de choramingar, retribuí seu olhar com uma espécie de espanto prazeroso. Ela me acarinhou com suas mãos e deitou-se ao meu lado na cama, puxando-me para perto de si e

sorrindo. Uma afetuosa onda de sossego invadiu-me no mesmo momento, e logo estava adormecida novamente. Mas, pouco tempo depois, fui despertada por uma sensação semelhante a duas agulhas cravando-se fundo em meu peito, e soltei um grito estridente. A bela jovem recuou, os olhos fixos em mim, depois desceu para o chão e rastejou para debaixo da cama.

Essa foi a primeira ocasião em que fiquei assustada, e bradei em desespero com todas as minhas forças. A esse chamado atenderam a babá, a criada, a governanta... todas vieram me prestar socorro. Ao contar-lhes minha história, elas logo tentaram amenizá-la e começaram a me acalmar de todas as maneiras possíveis. Mas, como eu era uma criança observadora, notei em seus rostos pálidos expressões de apreensão involuntária, e elas começaram a

vasculhar o quarto, olhando embaixo da cama e das mesas, abrindo armários... Até que ouvi a governanta sussurrar para a babá: “Coloque a mão naquela parte mais afundada do colchão; alguém deitou mesmo ali, estou certa disso. Da para sentir que o lugar ainda está morno”.

Lembro-me da criada me acariciando e de todas as três examinando o lugar no meu peito onde eu dizia ter sentido as pontadas. Elas alegaram que não havia nenhum dano visível.

A governanta e as outras duas criadas responsáveis pelo quarto de crianças permaneceram ali comigo durante o resto

da noite, e a partir de então meu sono foi sempre supervisionado por uma servente, até eu completar 14 anos.

Depois do ocorrido, meus nervos ficaram em frangalhos por muito tempo. Um doutor foi contratado para cuidar da minha condição, um homem idoso e pálido. Seu rosto carrancudo, levemente manchado pela varíola e encimado por sua peruca castanha, permanece vívido em minha memória. Durante um longo período, toda segunda-feira ele entrava no quarto para me dar remédios, os quais eu logicamente odiava.

Na manhã que se seguiu a aparição, meu estado ainda era de tamanho horror que eu não podia ser deixada sozinha, fosse de dia ou de noite.

Recordo-me de meu pai ter me visitado no quarto de crianças e permanecido ao lado da minha cama, falando de maneira animadora, fazendo algumas perguntas a babá e rindo calorosamente. Ele acariciava meu ombro, me beijava

e me dizia para não ter medo, que tudo não passara de um sonho e, portanto, nada iria me machucar.

No entanto, eu não me sentia reconfortada, pois no fundo sabia que a visita da estranha mulher não se tratara de um sonho; e por isso eu me encontrava profundamente aterrorizada.

A criada tentou me consolar ao dizer-me que, na realidade, fora ela quem eu tinha visto naquela noite e que havia deitado na cama ao meu lado; eu apenas estivera sonolenta demais para reconhecê-la. Contudo, apesar de esse relato ter sido sustentado pela minha babá, não me satisfez nem um pouco.

Lembro-me da visita de um respeitável homem naquele dia; ele trajava longas vestes negras e, quando entrou no quarto de crianças acompanhado da babá e da governanta, falou gentilmente comigo. Seu semblante era sereno e amigável, e ele me avisou que iríamos dar início a uma oração; então ele juntou minhas mãos e disse-me que, durante sua prece, eu deveria repetir com calma as seguintes palavras: “Senhor, ouçais todas as preces que pedem por nosso bem, em nome de Jesus”. Creio que foram essas as palavras, pois eu, com frequência, as repetia a mim mesma, e minha babá garantiu durante anos que eu fizesse delas parte das minhas orações.

Permanece perfeitamente clara em minha mente a imagem do rosto gentil e pensativo daquele velho homem de cabelos brancos, de pé em sua batina negra naquele quarto de aparência rústica e lúgubre, cercado por uma mobília desarmoniosa que datava de uns trezentos, a

sombria atmosfera iluminada pela débil luz que se espremia através das treliças da pequena janela. Ele caiu de joelhos, e também as serventes, e bradou sua prece para os céus com

intenso fervor que, para mim, pareceu se estender por um longo tempo diante de nós.

Não me recordo da minha vida antes daquele evento, e por um tempo permaneceu em obscuridade mesmo depois dele; mas a visão que acabo de descrever está marcada a ferro quente em minhas lembranças, destacando-se como espectros de luz rodeados pelas trevas.

CAPÍTULO II

Uma hóspede

O que lhe direi agora é de uma natureza tão estranha que você deverá se agarrar a toda fração de fé existente em seu coração para acreditar na veracidade de minhas palavras. Garanto que elas não são apenas verdadeiras, como também relatam algo que testemunhei com meus próprios olhos.

Em uma agradável noite de verão, meu pai, como era de costume, convidou-me para uma caminhada pela bela clareira que, como já mencionei, se abre na frente de nosso schloss.

- O general Spielsdorf não poderá nos visitar tão cedo quanto eu esperava - falou enquanto caminhávamos.

Algumas semanas já haviam se passado desde que a visita do general deveria ter sido realizada, e depois desse atraso esperávamos que ele chegasse no dia seguinte. Ele traria consigo sua sobrinha, a jovem mademoiselle Rheinfeldt, ainda uma desconhecida para mim, mas eu já ouvira comentários sobre ela ser uma garota deveras encantadora. Eu esperava que sua presença me trouxesse dias bastante felizes, e por isso o adiamento dessa visita me deixava mais frustrada do que qualquer garota podia imaginar; receber rostos novos em casa era algo que vinha alimentando

minhas expectativas sonhadoras havia semanas.

- E quando ele virá? – perguntei ao meu pai.
- Não antes do outono. Não durante os dois próximos meses, eu diria – respondeu ele. – E fico feliz, minha querida, que você não tenha chegado a conhecer a mademoiselle Rheinfeldt.
- Mas por quê? – indaguei, ao mesmo tempo aborrecida e curiosa.
- Porque a pobre garota morreu – foi sua resposta. – Esqueci-me de que ainda não havia lhe contado. Você não estava comigo quando recebi a carta do general hoje, mais cedo.

Eu fiquei abismada. O general Spielsdorf, em uma primeira carta enviada cerca de sete semanas antes, havia mencionado que a saúde de sua sobrinha pedia cuidados, mas ele não demonstrara o mínimo sinal de suspeita de morte.

- Aqui está a carta do general – disse meu pai, entregando-a a mim. – Temo que ele esteja em profunda amargura; a carta parece ter sido escrita por alguém com a mente em estado de completa dispersão...

Sentamo-nos em um banco envelhecido sob um grupo de deslumbrantes fílias. O sol poente levava consigo toda sua resplandecência melancólica para trás do amplo horizonte

esverdeado pela mata, e o riacho que atravessava a lateral de nosso schloss, passando sob a velha ponte de inclinação acentuada, serpenteava rumo ao emaranhado de frondosas árvores, correndo bem próximo aos nossos pés, carregando em sua corrente o brilho escarlata de um céu que já se

desbotava. As palavras na carta do general Spielsdorf expressavam uma notável veemência, mas em alguns pontos elas se contradiziam tanto que fui obrigada a lê-las duas vezes (a segunda leitura foi feita em voz alta), e ainda assim não fui capaz de deduzir nada da mensagem, exceto que a lucidez do general havia sido tomada pelo luto.

A carta dizia:

“Perdi minha tão querida filha, a quem eu tanto amava. Durante os últimos dias em que a querida Bertha sofreu com sua doença, me vi incapaz de escrever-lhe. Antes desse período, eu não tinha ideia do perigo que ela corria. Quando a perdi, enfim tomei consciência de tudo, mas já era tarde demais. Ela morreu em terna inocência, e na gloriosa esperança de alcançar as bênçãos da posteridade. A culpa de tudo isso recaiu sobre o demonio que traiu nossa tão calorosa hospitalidade. Acreditei estar acolhendo alguém de coração bondoso, alegre, e cuja companhia seria de imenso agrado para minha falecida Bertha. Por Deus! Que tolo eu fui! Agradeço aos céus por minha

jovem ter morrido sem que descobrisse as razões de seus sofrimentos. Ela partiu sem ter nem ao menos uma vaga ideia a respeito da natureza de sua doença, ou da influência pestilenta do agente desencadeador de toda essa desgraça. Os dias que me restam serão dedicados a perseguir e a expurgar essa criatura da face da Terra. Dizem-me que tenho grandes chances de atingir esse tão nobre e piedoso objetivo. Por ora, não possuo um mínimo facho de luz que me sirva como norte. Amaldiçoo meu ceticismo orgulhoso, meu

tão desprezível apreço por superioridade, minhas convicções cegas, minha teimosia, tudo isso, mas tarde demais. Não tenho condições de escrever ou falar comedidamente neste momento. Minha mente está alheia a tudo. Assim que eu recobrar alguma parcela do meu juízo, devo dar início a minha busca, a qual possivelmente me levará até Viena. Devo ir vê-lo no outono, daqui a dois meses, ou antes, se eu conseguir sobreviver (ou se você assim desejar). Eu lhe direi então tudo aquilo que não ouse escrever no papel. Adeus. Ore por mim, meu bom amigo”.

Assim acaba essa peculiar carta. E, apesar de eu nunca ter conhecido a tão estimada Bertha Rheinfeldt, meus olhos foram repentinamente invadidos por lágrimas. Fiquei aturdida e dolorosamente desapontada.

O sol havia, enfim, se posto, e o crepúsculo já avançava pelo céu quando devolvi a carta do general ao meu pai.

Perambulamos sob o céu claro daquela noite de brisa suave, ponderando sobre como poderíamos interpretar as tão bruscas e incoerentes palavras que eu acabara de ler. Não mais que um quilômetro e meio nos separavam da estrada que passa pela frente do schloss, e quando a alcançamos a lua já se erguia com seu fulgor brilhante no céu. Ao chegarmos perto da ponte levadiça avistamos madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine, ambas sem seus gorros, pois que haviam decidido aproveitar o ar fresco daquela noite e observar o esplendoroso luar.

Seu falatório entusiasmado ficava mais alto a medida que nos aproximávamos. Juntamo-nos a elas para observar

aquela encantadora visão.

À nossa frente, estendia-se a clareira pela qual eu e meu pai havíamos acabado de caminhar. Do nosso lado esquerdo, a estreita e sinuosa estrada seguia seu rumo até abrigar-se sob grupos de majestosas árvores, sumindo de vista ao penetrar na escuridão da mata fechada. À direita, essa mesma estrada cruzava a íngreme e exótica ponte, ladeada pelas ruínas de uma antiga torre que outrora guardara aquela passagem. Do outro lado da ponte, uma elevação surgia abrupta na paisagem, repleta de árvores que escondiam algumas rochas cinzentas cobertas de hera sob suas sombras.

Para além das planícies relvadas podia-se ver uma tênue camada de neblina que deslizava no ar suavemente como fumaça, separando as paisagens como um véu translúcido. De tempos em tempos, nossos olhos captavam o ligeiro faiscar da luz da lua nas eventuais ondulações do rio.

Não se podia conceber no mundo um cenário mais delicado e encantador de se contemplar. Apesar da tragédia que eu acabara de ler ter impregnado meu olhar com certa melancolia, nada seria capaz de perturbar a profunda serenidade que permeava aquele panorama tão cheio de glória e brandura.

Meu pai, um grande apreciador do pitoresco, e eu permanecemos em silêncio, apenas admirando a vastidão que se alargava sob nossos pés. As duas bondosas governantas, posicionadas um pouco atrás de nós, debatiam sobre a visão e discorriam com eloquente entusiasmo sobre a lua.

Madame Perrodon era uma mulher corpulenta na meia- idade. Seu profundo romantismo a fazia enxergar poesia em tudo, e por isso estava sempre soltando suspiros. f. vademoiselle De Lafontaine, cujo sangue alemão herdado do pai a fazia se intitular como alguém experiente nos campos da psicologia, da metafísica e até do misticismo, alegava que o brilho intenso da lua era uma evidência clara de que alguma peculiar atividade espiritual estava em curso. Eram variados os efeitos que o fulgor da lua cheia causava na mente dos mortais. Ela exercia

influência nos sonhos, intensificava a loucura e o nervosismo das pessoas e também interagiu de uma maneira extraordinária com a vida física. O primo de mademoiselle, ela nos contou, trabalhava como imediato em um navio mercante quando, ao adormecer no convés com o rosto totalmente banhado pela luz do luar, acordou em desespero de um sonho em que uma velha dama arranhava sua face com as unhas, puxando-a para um dos lados. Seu rosto nunca mais recobrou a forma original.

- Nesta noite - começou a dizer mademoiselle -, a lua está emanando energias idílicas e magnéticas com muita intensidade. E percebiam, ali atrás, todas as janelas do schloss cintilando com esse clarão prateado. Parece até que mãos invisíveis acenderam as luzes de todos os cômodos para dar boas-vindas aos habitantes do mundo das fadas.

Por vezes alcançamos um estado de espírito tão indolente que, ao encontrarmo-nos indispostos a contribuir para uma conversa, o simples ato de ouvir a fala de outros é algo bastante agradável aos nossos ouvidos indiferentes. E assim

continuei a observar a lua, satisfeita em apenas escutar a conversa das mulheres.

- Esta noite trouxe-me um humor melancólico - disse meu pai, depois de um longo silêncio. E, pelo hábito de manter nosso inglês ainda vivo, ele citou Shakespeare:

- “Não sei ao certo por que razão estou tão triste. Isso me enfara; e a vós também, dissestes. Mas de onde veio essa tristeza... de que modo a adquiri...?”¹. Esqueci-me do resto. Mas pressinto no ar um grande infortúnio prestes a desabar sobre nós. Creio que a carta do infeliz general tenha despertado esse sentimento.

E, naquele exato momento, o inesperado som de cascos e rodas de carruagem roubou-nos a serenidade de nossa contemplação.

O barulho parecia estar se aproximando do terreno alto que se situava do outro lado da ponte, e não demorou muito até que a silhueta de um pequeno comboio despontasse sobre aquela elevação. Primeiro, dois cavaleiros atravessaram a ponte, acompanhados pela carruagem puxada por quatro cavalos e, por fim, mais dois homens em suas montarias seguiram os demais.

A carruagem aparentava pertencer a alguém da alta sociedade, e todos nós nos encontramos imediatamente absortos na apreciação daquele tão incomum espetáculo. E em pouco tempo tudo se tornou ainda mais inusitado, pois, no momento em que a carruagem passou o ponto mais alto da íngreme ponte, um dos cavaleiros que seguia o comboio sobressaltou-se e comunicou seu pânico aos outros; aquele sinal, o grupo inteiro embalou suas montarias em um galope

mais frenético, e todos se apressaram em nossa direção com a velocidade de um ciclone.

Uma atmosfera ainda mais desesperadora foi conferida a cena quando ouvimos altos e longos gritos de uma voz feminina vindo da janela da carruagem.

Precipitamo-nos em direção ao comboio, todos curiosos e apavorados; eu relutante e mergulhada em abismado silêncio, enquanto os outros atiravam no ar exclamações de profundo horror.

Nosso suspense, contudo, foi breve. O comboio encaminhava-se por uma rota que, antes de atingir a ponte levadiça, era margeada por uma frondosa tília de um lado, enquanto do outro havia uma antiga cruz de pedra. Ao avistarem a cruz, as desenfreadas montarias desviaram e jogaram a carruagem em direção a árvore, e uma de suas rodas passou por cima de uma raiz que se projetava para fora do solo.

Eu sabia o que viria depois. Cobri meus olhos incapaz de ver aquilo, e virei as costas para a cena. No mesmo momento, as governantas, que haviam se aproximado mais da estrada, soltaram um grito estridente.

A curiosidade me forçou a voltar-me para a cena novamente e abrir meus olhos, e o que eu vi foi um quadro completamente caótico. Dois dos cavalos haviam sido lançados ao chão, e a carruagem encontrava-se tombada de lado com suas rodas ainda girando no ar, enquanto os homens ocupavam-se em

libertar os animais dos arreios. Notei também que uma dama de ar imponente havia saído da carruagem, e de tempos em tempos ela enxugava seus

olhos com um lenço.

De dentro da carruagem agora estava sendo retirada uma jovem moça, de cujo corpo a vida parecia ter se esvaído. Meu bom e velho pai, com seu chapéu nas mãos, apressou-se em direção a dama mais velha e disse-lhe que os recursos do schloss estavam a sua disposição para oferecer qualquer tipo de socorro que lhe fosse necessário. Mas a mulher não pareceu ouvi-lo falar; em verdade ela aparentava não prestar atenção em mais nada a sua volta senão a esguia garota que era agora posicionada cuidadosamente a margem da estrada.

Aproximei-me; a garota parecia estar paralisada, mas certamente não estava morta. Meu pai, cuja curiosidade quanto ao campo da medicina o fizera adquirir alguns conhecimentos, assegurou a dama (que alegava ser a mãe da jovem) que, apesar de o pulso da garota estar fraco e descompassado, ele ainda podia ser claramente sentido. A dama juntou suas mãos e ergueu seu olhar como um sinal de profunda e momentânea gratidão; mas logo depois ela se entregou novamente aquele pranto teatral que, creio, é um comportamento comum entre algumas pessoas.

Ela era o que muitos considerariam uma mulher bastante preservada para sua idade, e em sua mocidade deve ter sido uma bela jovem. Era alta, mas não magra, trajava-se inteira e veludo negro, o que ressaltava sua palidez, e mantinha uma expressão orgulhosa e imperial, embora naquele momento estivesse incomumente contorcida de preocupação.

- Quem foi feito para suportar tamanha catástrofe? - eu a

ouvi dizer enquanto me aproximava, suas mãos apertadas uma contra a outra. - Cá estou, em uma jornada que pode acabar em vida ou em morte, na qual uma hora perdida pode significar a perda de tudo. Minha menina não recobrará o suficiente de sua saúde para continuar pelos próximos não sei quantos quilômetros. Devo deixá-la; não posso, nem ousaria, me atrasar mais. Senhor, a que distancia encontra-se a vila mais próxima? É lá que devo separar-me dela. E por três meses não hei de ver mais minha querida, nem mesmo ter notícias de sua situação.

Dei alguns discretos puxões no casaco do meu pai e sussurrei em seu ouvido:

- Oh, papai, proponha a dama que ela deixe sua filha aqui em nosso schloss. Seria um imenso prazer... vá, diga!

Ele então falou:

- Se a madame estiver de acordo em confiar sua filha aos meus cuidados e aos de minha governanta, a madame

Perrodon, e mantê-la aqui como minha hóspede até seu retorno, asseguro-lhe de que assumiremos tal responsabilidade com todo o zelo e empenho sagrados que um voto de confiança merece.

- Senhor, não posso pôr seu cavalheirismo e sua bondade a prova de uma maneira tão cruel como essa - respondeu a dama, indiferente.

- Absolutamente, madame; pelo contrário, ficaríamos agradecidos com tamanho conforto que esse ato proporcionaria ao nosso coração em um momento como este. Uma atroz desventura acaba de deixar minha filha extremamente desapontada, pois uma visita a qual ela

havia muito considerava como motivo de grande felicidade foi brutalmente impedida de acontecer. Será de inquestionável consolo ao seu coração se madame aceitar deixar sua jovem filha conosco. A vila mais próxima que encontrará em sua rota ainda está muito distante daqui, e ela não é provida de estalagens em condições apropriadas para hospedar sua filha. A senhora não pode permitir que a jovem corra riscos de continuar viajando por todas essas distancias. Já que alega não poder postergar sua jornada, deve despedir-se de sua filha esta noite mesmo, e garanto que não encontrará no caminho nenhum outro lugar onde ela possa ficar em total segurança e receber os devidos cuidados senão este aqui.

Havia algo de distinto, ou até mesmo autoritário, no ar daquela mulher, e em seus modos tão insinuantes que pareciam querer causar admiração a quem estivesse a sua volta, como se desejasse deixar clara sua convicção de que era uma pessoa de elevada notoriedade.

Durante o tempo da conversa, a carruagem foi, enfim, reerguida e posicionada da devida maneira, e os cavalos foram novamente atrelados sem muita dificuldade.

Apesar do drama de toda aquela cena, o olhar que a dama lançou a sua filha não foi algo que considereei tão afetuoso quanto se podia esperar. Ela então fez um sinal ao meu pai pedindo para ele acompanhá-la a alguns passos dali, fora do alcance dos ouvidos, e começou a falar com ele com uma expressão dura e austera no rosto, totalmente contrária a que ela vinha usando até então.

Fiquei admirada com o fato de meu pai não ter

demonstrado notar nenhuma alteração na expressão da dama. Eu também estava inquietantemente curiosa para saber do que se tratava aquela conversa particular, o que ela sussurrava tão próximo ao ouvido do meu pai com tanta seriedade e pressa.

Durante uns dois ou três minutos, ela se ocupou em transmitir seu comunicado ao meu pai, e então virou-se e dirigiu-se até o local onde sua filha estava deitada, com a cabeça apoiada no colo de madame Perrodon. A dama ajoelhou-se ao lado da

jovem, levou os lábios para perto do seu ouvido e murmurou o que a governanta julgou ser algumas bênçãos. Após um breve beijo na face da filha, ergueu-se e subiu os degraus que levavam para dentro da carruagem, acompanhada por lacaios vestidos em luxuosas librés. A portinhola fechou-se, os batedores subiram em suas montarias e esporearam seus flancos, os postilhões estalaram seus chicotes. Finalmente os cavalos deram partida em um impetuoso galope, e, acompanhada dos dois cavaleiros que seguiam logo atrás, a carruagem seguiu viagem.

1 Trecho de O mercador de Veneza, de William Shakespeare, peça escrita entre 1596 e 1598. Vale destacar que o trecho presente neste livro está ligeiramente alterado em relação ao original. (N.T.)

CAPÍTULO III

Comparando impressões

Nossos olhos seguiram o cortejo até ele ser tragado sem demora pelos bosques enevoados, e o som de cascos e rodas foi aos poucos se extinguindo até se dissolver por completo no ar silencioso da noite.

Daquele incidente, nada restou para provar-nos que ele não havia sido um simples sonho passageiro senão a jovem moça, que, naquele momento, abriu os olhos. Como seu rosto voltava-se para uma direção que o deixava oculto de mim, não pude ver se eles estavam realmente abertos, mas deduzi que estivessem, pois ela erguera sua cabeça e observava os arredores com curiosidade, e pude ouvi-la dizer:

- Onde está a mamãe?

A gentil madame Perrodon respondeu a sua pergunta ternamente e a reconfortou com mais algumas palavras consoladoras.

E, então, a garota perguntou:

- Onde estou? Que lugar é este? Não vejo a carruagem... e Matska, onde ela está?

Madame tentou responder a todas as suas questões, pelo menos as que conseguia entender. Aos poucos, a memória do que havia acontecido retornava a mente da garota, e ela

demonstrou estar grata por ninguém ter se machucado. E ao ouvir que sua mãe a deixara ali e não regressaria por quase três meses, caiu em lágrimas.

Eu estava prestes a consolá-la quando mademoiselle De Lafontaine pôs uma mão em meu ombro, dizendo:

- Não se aproxime, querida. Nessas condições, a garota pode lidar apenas com uma conversa de cada vez. Mais um rosto na cena e suas energias seriam sobrecarregadas.

“Assim que ela estiver bem acomodada vou fazer-lhe uma visita”, pensei comigo mesma.

Àquela altura meu pai já havia ordenado que um dos criados partisse a cavalo em busca de um doutor que vivia a dez quilômetros dali, e um quarto estava sendo devidamente preparado para acolher a jovem e inesperada hóspede.

A desconhecida levantou-se então, apoiada no antebraço de madame Perrodon, e seguiu a passos lentos pela ponte levadiça até atravessar os portões e adentrar no castelo.

No saguão, os empregados a aguardavam para poder conduzi-la ao seu quarto.

Acompanhei meu pai até o aposento que comumente usamos como sala de estar. Ele é espaçoso e provido de quatro janelas que se abrem acima do fosso e da ponte levadiça, permitindo observar a floresta que rodeia nosso schloss. Sua antiga mobília é toda em carvalho entalhado, e as cadeiras são acolchoadas com acentos de veludo carmesim. Grandes tapeçarias cobrem as paredes, estampando inúmeras figuras trajando peculiares vestimentas de tempos imemoráveis, sempre representadas

caçando, praticando falcoaria ou festejando.

Apesar da decoração bem cuidada, o aposento não chega a apresentar todos os luxos necessários para ser classificado como devidamente confortável. É um lugar simples onde, conforme ditam as inclinações patrióticas de meu pai, tomamos nosso chá, a bebida tão simbólica de sua terra natal e a qual ele exige que esteja sempre presente entre os intervalos dos nossos cafés e chocolates quentes.

Sentamo-nos aqui nesta noite, a luz de velas, conversando sobre o recente ocorrido.

Madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine uniram-se a nós. A garota mal deitara em seu leito e já mergulhara em um sono profundo, e as governantas a haviam deixado aos cuidados de uma criada.

No mesmo momento em que madame adentrou em nossa sala de estar, perguntei:

- O que acha da nossa hóspede? Tem algo a dizer sobre ela?
- Eu me afeiçoei demais pela menina - respondeu pausadamente madame. - Ela é a criaturinha mais linda que já vi. Tem sua idade, e é extremamente meiga e gentil.
- Ela é absolutamente encantadora - falou de repente mademoiselle, que estivera por um momento espiando a desconhecida por uma fresta aberta na porta de seu cômodo.
- E que bela voz ela tem! - acrescentou madame Perrodon.
- Por acaso a senhorita chegou a ver, quando a carruagem estava novamente em pé, uma mulher que não saiu de lá de dentro, mas ficou observando tudo pela janela? -

indagou mademoiselle.

- Não, não vi ninguém - respondi.

E então ela começou a descrever a aparência assustadora de uma mulher negra, que usava um turbante colorido na cabeça. Ela mantivera o olhar cravado nas moças lá fora, sempre concordando com a cabeça, os grandes olhos faiscando e os dentes todos a mostra, como uma besta furiosa.

- Conseguiram reparar no visual medonho daquele bando de empregados que a seguiam? – perguntou madame.
- Sim – respondeu meu pai. – Horrendos, de olhares sorrateiros, as criaturas menos confiáveis que já vi em toda minha vida. Espero que não se atrevam a roubar a infeliz dama na floresta. Eles são ardilosos e espertos; conseguiram dar conta de reparar todo o estrago em um minuto.
- Eu diria que eles já devem estar exaustos demais com a viagem – observou madame. – Além de parecerem maldosos, seus rostos eram assustadoramente magros, escuros e macabros. Estou extremamente curiosa para saber mais; mas acredito que amanhã, se a jovem senhorita estiver renovada o suficiente, ela nos contará mais sobre o assunto.
- Creio que não – disse meu pai, um riso misterioso brincando no canto dos lábios, acenando com a cabeça como quem diz saber mais do que ousava nos dizer.

Essa fala nos deixou ainda mais inquietas quanto ao que realmente se passou entre ele e a dama de veludo negro durante aquela breve mas acalorada conversa,

imediatamente seguida pela partida da enigmática mulher.

Quando finalmente nos vimos sozinhos, implorei a ele que me contasse o que estava acontecendo. Não foi preciso pressioná-lo por muito tempo.

- Não há nenhum motivo em particular que me impeça de contar o que sei. A dama estava bastante relutante em deixar sua filha aos nossos cuidados, e expressou o estado delicado de sua saúde mental e física. Mas disse que a jovem não tem crises convulsivas ou episódios de delírio; ela, em verdade, encontra-se perfeitamente sã.
- Mas que coisa estranha e totalmente desnecessária de se dizer! - interrompi.
- De qualquer maneira, ela disse isso - falou meu pai, soltando uma risada -, e se você deseja mesmo saber o restante de sua fala, o que na realidade não foi nada de tão extraordinário, posso lhe contar. Ela disse: “Estou em uma longa jornada de importância vital”, com ênfase nesta última palavra. E continuou: “É uma viagem que não permite atrasos e deve permanecer secreta. Devo retornar para buscar minha filha em três meses. Até lá, ela não dirá uma única palavra sobre quem somos, de onde viemos e para onde nos encaminhamos”. E isso foi tudo. Seu francês era impecável. Ela pausou por alguns instantes após dizer a palavra “secreta”, e me observou com um olhar firme e severo. Imagino que queria deixar esse seu ponto nitidamente claro. Você viu quão rápido ela partiu logo em seguida. Espero não ter feito nenhuma tolice ao encarregar-me de cuidar da jovem.

Quanto a mim, encontrava-me em um estado de absoluta

alegria. Ansiava por ver a garota e conversar com ela, e tudo o que faltava para isso finalmente acontecer era o doutor liberá-la para visitas. Quem vive nas cidades não pode compreender o tamanho evento que é receber em casa uma nova amiga, uma vez que se está cercado por completa solidão.

O doutor chegou quase a uma hora da manhã; mas minha ansiedade era tanta que eu não conseguia dormir; isso seria algo tão impossível quanto, digamos, tentar acompanhar a pé a carruagem da princesa de veludo negro.

Quando o médico enfim desceu para a sala de estar, as notícias que trouxe sobre a saúde de sua paciente foram todas animadoras. Ela já podia sentar-se ereta sem esforço, e seus batimentos haviam recuperado sua pulsação regular. Não sofrera traumas duradouros, e a crise de nervos pela qual passara não deixaria nenhuma sequela. Certamente, minha visita não causaria mal nenhum, contanto que ela consentisse em me ver. Pedi, então, a uma criada que perguntasse a ela se aceitaria receber-me no quarto por alguns minutos; quando retornou, disse-me que não havia mais nada que a jovem desejasse tanto quanto isso.

Pode ter certeza de que não perdi tempo em aproveitar-me de sua permissão.

Nossa visitante estava acomodada em um dos aposentos mais belos de todo o schloss; talvez fosse até um tanto pomposo. Na parede oposta a cama há uma tapeçaria de estilo um tanto

sombrio, uma gravura de Cleópatra segurando uma víbora contra o seio; outras cenas solenes e clássicas estão dispostas nas demais paredes, todas com as

cores já desbotando. Mas há entalhes dourados nos móveis, e diversas e suntuosas cores estão presentes nos outros elementos de decoração do quarto, o que minimiza o efeito melancólico da velha tapeçaria.

Havia velas na cabeceira da cama. A garota estava sentada, sua forma esbelta envolvida em um delicado vestido de seda bordado com flores, e seus ombros traziam uma colcha volumosa, a mesma que sua mãe havia jogado aos seus pés quando estivera deitada inerte na beira da estrada.

Ao me aproximar da cabeceira para cumprimentá-la, algo me fez emudecer e recuar alguns passos. O quê? Eu direi.

Vi o rosto que me visitou naquela tenebrosa noite de minha infância, que ficou gravado em minha memória e cuja imagem minha mente sempre remoía com profundo horror, e ninguém sequer suspeitava o que se passava em meus pensamentos.

Era um rosto agradável, até mesmo bonito. E, a primeira vista, pude notar que tinha a mesma expressão melancólica da qual eu me lembrava.

Mas esse semblante logo desvaneceu, dando lugar a um riso de recordação.

O silêncio se prolongou por um minuto inteiro, e então ela finalmente falou; eu não consegui.

- Fascinante! – ela exclamou. – Doze anos atrás vi seu rosto em um sonho, e ele tem me assombrado desde então.

- Isso é mesmo fascinante! – disparei de volta, capaz de vencer o assombro que havia me furtado as palavras. – Seja em realidade, seja em sonho, estou certa de que também a

vi doze anos atrás. Não seria capaz de esquecer seu rosto. Desde aquela época, ele permanece vívido em minha memória.

Seu sorriso tornou-se mais leve. O que quer que tenha me causado estranheza antes, se foi. As covinhas acrescentavam beleza ao rosto dela e lhe conferiam um ar de sagacidade.

Eu estava finalmente segura para continuar com as cortesias da hospitalidade: dei-lhe as boas-vindas e contei-lhe sobre o imenso prazer que sua inesperada chegada havia proporcionado a todos nós, sobretudo a mim.

Segurava sua mão enquanto falava com ela. Estava um pouco tímida, como é próprio das pessoas solitárias, mas a ocasião me fizera desenvolta, e até mesmo corajosa. Ela deu um aperto gentil em minha mão, e repousou a outra. Seus olhos lampejaram e, olhando dentro dos meus por um fugaz instante, um novo sorriso abriu-se em seus lábios, e ela corou.

Respondeu docemente a todos os meus comentários. Sentei-me ao seu lado, observando-a maravilhada; e então ela falou:

- Devo contar-lhe sobre a visão que tive de você. É realmente muito misterioso que tenhamos sonhado tão vividamente uma com a outra, e nos visto tal como somos hoje, mesmo quando éramos apenas crianças na época. Eu devia ter não mais que 6 anos, e lembro-me de acordar de um sonho conturbado em um quarto que era muito diferente do meu; as paredes eram descuidadamente revestidas de uma madeira escura, e havia armários,

camas, cadeiras e bancos por toda parte. As camas estavam, imaginei, todas desocupadas, e exceto por mim não havia mais nenhuma alma ali. E depois de eu ter examinado os arredores, detendo, por alguns instantes, meu olhar sobre um candelabro de ferro com dois braços (o qual eu certamente reconheceria se o visse de novo), rastejei para debaixo de uma das camas para tentar alcançar a janela. Mas, assim que saí dali, ouvi alguém chorar. Ainda de joelhos, olhei para cima, e vi você, com toda certeza, tão claramente quanto a vejo agora: uma linda jovem, de cabelos dourados e vistosos olhos azuis, e os lábios... seus lábios; a vi exatamente como é agora.

- Fiquei encantada com sua aparência e me deitei ao seu lado, envolvendo-a com meus braços, e, nesse momento, acredito que tenhamos adormecido. E então fui despertada por

alguém gritando; era você, sentada, gritando a plenos pulmões. Apavorada, desci da cama e fiquei no chão. Logo depois, ao que tudo indica, perdi meus sentidos por algum tempo; quando, enfim, os recuperei, estava novamente no meu quarto, em minha casa. Seu rosto ficou gravado na minha memória depois daquele dia. Eu nunca o confundiria com nenhum outro; você é a garota que eu vi.

Chegou então minha vez de expor meu relato, o que fiz, para o espanto maravilhado da minha ouvinte.

- Sinceramente, não sei qual de nós duas deveria ter mais medo da outra - ela disse, sorrindo. - Se você não fosse tão bonita, eu certamente ficaria assustada com sua presença. Mas, sendo do jeito que você é, e tão jovem quanto eu, acredito realmente que nossa amizade tenha começado

doze anos atrás, e por isso me sinto no direito de ter sua intimidade. Parece que, sob todos os aspectos, fomos destinadas a ser amigas desde nossa mais tenra idade. Pergunto-me se você se sente tão atraída por mim quanto me sinto por você. Nunca tive uma amiga antes; será que me é permitido ter uma agora? - Ao final dessa pergunta, ela suspirou, e seus belos e penetrantes olhos negros me encararam com fervor.

Verdade seja dita, meus sentimentos em relação a encantadora estranha eram inexplicáveis. Sem dúvida, algo nela me atraía e

havia me conquistado, mas sentia uma espécie de repulsa misturada as minhas emoções. No entanto, a ambiguidade desse sentimento era vencida pela afeição que eu tinha pela garota. Ela me cativava e deslumbrava. Era radiante de tão linda e de uma presença mais arrebatadora do que as palavras poderiam descrever.

Comecei a perceber que seus gestos já denunciavam uma certa languidez e exaustão, e apressei-me em desejar-lhe boa noite e me despedir.

- Segundo as recomendações do doutor - acrescentei -, você deve passar esta noite com uma criada ao seu lado. Uma das nossas já espera por você, e garanto que ela é muito prestativa e discreta.

- É muita cortesia de sua parte - ela respondeu. - Mas eu não conseguiria dormir com alguém em meu quarto. Não preciso de nenhuma criada. Além do mais, tenho pavor de que me roubem. Nossa casa já foi roubada antes, e dois criados foram assassinados, por isso sempre mantenho a porta trancada. É um hábito; e sei que sua gentileza a fará

entender meu ponto. Vi que há uma chave na fechadura.

Ela tomou-me em seus delgados braços, trazendo-me para perto, e sussurrou no meu ouvido:

- Boa noite, querida. Sinto despedir-me de você, mas boa noite. Amanhã, porém não tão cedo, devo vê-la novamente.

Ela afundou no colchão suspirando, e fixou seus lindos olhos em mim com encanto e melancolia, murmurando mais uma vez:

- Boa noite, querida amiga.

A afeição e o amor nas pessoas jovens surgem por impulso. Eu estava lisonjeada pela tão evidente admiração que ela tinha por mim, embora eu não me considerasse merecedora de tudo isso. Apreciava quanto ela confiara em mim ao aceitar me receber sem nem pensar duas vezes. Ela estava decidida a aprofundar nossa amizade.

No dia seguinte, encontramos-nos de novo. Sua companhia me deleitava de muitas maneiras.

A luz do dia não ofuscava sua beleza. Decerto, era a criatura mais encantadora e bela que eu já havia visto, e a lembrança desagradável que eu tinha daquele rosto no meu sonho desapareceu por completo assim que nos reconhecemos.

Ela admitiu que sentira um choque semelhante ao meu quando me avistou pela primeira vez, e experimentara exatamente a mesma repulsa amalgamada com atração. Agora ríamos juntas desses momentos iniciais de horror.

CAPÍTULO IV

Seus hábitos: um passeio

Eu disse que ela me encantava por causa de vários aspectos.

Mas havia alguns que não me agradavam tanto.

Permita-me começar com a descrição da sua figura: ela era mais alta que a média das moças. Era esbelta e elegantemente graciosa; porém, seus movimentos eram languídos, sem vigor, na verdade, ainda que não houvesse nenhum sinal visível em sua aparência que indicasse debilidade. Sua tez possuía um brilho magnífico, e seus traços e curvas eram delicados e lhe davam uma forma belíssima. Seus olhos eram grandes, escuros e luminosos. Nunca vira cabelos como os dela; eram maravilhosamente volumosos e desciam até abaixo de seus ombros. Por vezes, eu os pegava em minhas mãos, e ria admirada com seu peso. Tinham uma maciez surpreendente, eram de um esplêndido e denso castanho-escuro, e alguns fios dourados despontavam. Eu amava seu cabelo solto, balançando e ondulando com seu próprio peso. Quando estávamos no quarto, e ela recostava-se em uma poltrona falando com aquela sua voz doce, melódica e um tanto grave, eu remexia em seus fios e os trançava, e depois os soltava de novo somente para brincar com ele entre meus dedos. Mas,

oh, céus! Se ao menos eu soubesse!

Eu disse que algumas de suas características não me eram agradáveis. Disse também que sua confiança em mim fora um grande motivador de minha atração por ela. Mas, quando o assunto dizia respeito a ela, a sua mãe, a seu passado, ou a qualquer coisa relacionada a sua vida, aos seus planos e as pessoas que conhecia, era de uma rigorosa reserva. Ouso dizer que agi de modo errado e irracional; que eu deveria seguir a risca as ordens que a majestosa dama de veludo negro havia dado ao meu pai. Mas a curiosidade é uma paixão irrefreável e indolente, e nenhuma garota pode tolerar, com paciência, que sua curiosidade seja frustrada por outra. Que mal podia haver em dizer-me o que eu tão ardentemente ansiava saber? Ela não confiava realmente em minha honestidade? Que motivos ela tinha para não acreditar em mim, mesmo depois de eu ter-lhe assegurado tão enfaticamente que jamais pronunciaria a nenhum mortal uma única palavra sobre seus segredos?

Havia, aparentemente, algo de muito estranho em seus modos, que contrastava com sua idade, e seu sorriso melancólico insistia em esconder de mim o mínimo vislumbre de luminosidade.

Não discutíamos sobre essas questões, pois ela se recusava a encorajar qualquer tipo de conflito. Eu estava evidentemente sendo bastante injusta e infantil por continuar pressionando-a,

mas não podia evitar. Teria sido mais fácil deixar aqueles assuntos intocados.

O que ela me revelava, na minha irrefletida opinião, não

acrescentava nada ao meu entendimento do assunto; tudo podia ser resumido em três nebulosas afirmações:

Primeira: seu nome era Carmilla.

Segunda: ela vinha de uma linhagem muito antiga e nobre.

Terceira: seu lar situava-se a oeste dali.

Ela não me revelaria o nome de sua família, nem me falaria sobre suas insígnias heráldicas, nem sua região ou o país onde viviam.

Que não seja dito que eu a importunava com essas questões.

Eu esperava pela oportunidade certa para tocar no assunto, e fazia antes discretas sugestões do que questionamentos incisivos. Cheguei a ser mais direta em minhas perguntas somente umas duas ou três vezes; mas não importava quais artimanhas eu utilizasse para obter alguma informação, os resultados eram sempre frustrantes. Entretanto, devo dizer que todas as suas recusas eram feitas com o mais gracioso e doce pesar que se possa imaginar, e ela sempre se preocupava em reafirmar, com declarações ardentes, quanto sentia apreço por mim e por minha lealdade, e prometia inúmeras vezes que eu, enfim, seria informada sobre tudo, no seu devido tempo. Tal era

sua consideração pelos meus sentimentos que meu coração não me permitia sentir-me ofendida com a sua reserva.

Nessas horas ela costumava segurar-me delicadamente nos ombros, trazer-me para perto e sussurrar em meu ouvido, com sua face encostando na minha:

- Querida, sinto que seu lindo coraçãozinho está atormentado; não pense que sou cruel somente porque

obedeço as incontestáveis leis que minha força e minha fraqueza impõem sobre minha vontade. Se seu doce coração está dolorido, o meu retumba selvagem e dói sangrando com o seu. Extasiada pela minha vergonha, eu habito sua tão mansa e cálida vida, e você há de morrer suavemente enquanto a sua vitalidade vai aos poucos se esvaindo para dentro da minha; não é algo que eu possa controlar. Enquanto me aproximo de você, você se aproximará de outros, e vai tomar conhecimento desse arroubo tão cruel que ainda assim chamamos de amor. Portanto, por ora, não se incomode mais em querer saber de mim e dos meus, mas continue confiando em mim com toda a força do seu tão bondoso espírito.

E então, ao final desse depoimento tão fervoroso, ela apertava meu corpo contra o seu em um abraço convulsivo e, tocando seus lábios macios na minha face, dava-me vários beijos cheios de ternura.

Seu alvoroço e seu falatório eram algo além do que meu intelecto podia compreender.

Honestamente, sempre que ela me tomava nesses abraços desajeitados, o que não ocorria muito, meu sentimento mais imediato era o de querer desvencilhar-me de seu aperto. Mas me faltava energia para tal; o suave murmúrio de suas palavras penetrava os meus ouvidos como uma canção, exaurindo minhas forças até elas se derreterem em completo transe, do qual eu conseguia despertar apenas quando ela, enfim, me libertava.

Quando ela adotava esse comportamento anormal, eu não mais a via como alguém de quem eu gostava. Dentro de

mim, um tumulto de emoções tomava forma: uma excitação prazerosa mesclada com uma vaga sensação de temor e repulsa. As opiniões que eu tinha sobre ela nesses momentos eram totalmente imprecisas, e iam de uma adoração gradativa até a completa aversão. Sei que isso configura um paradoxo, mas não há maneira mais fidedigna de descrever minhas impressões.

Mais de dez anos se passaram desde aqueles tempos, e agora escrevo estas palavras com mãos trêmulas e recordações desconexas a respeito de certos eventos, atravessando o mar de infortúnios que, na época, eu não sabia estar sofrendo; mas

ainda mantenho vívidos em minha mente os aspectos principais que compõem minha história.

Receio, contudo, que todos experimentamos certas emoções em nossa vida, e nessas circunstâncias nossas paixões manifestam-se de uma maneira tão assustadoramente selvagem e desenfreada que, entre outras emoções, elas são as que recordamos de modo mais vago e nebuloso.

Por vezes, após um intervalo de inatividade, minha exótica e bela companhia tomava minha mão na sua e a apertava com uma paixão alucinada, e por algum tempo continuava aumentando a pressão. Ao fazê-lo, ela ruborizava delicadamente, encarando meu rosto com um olhar languido e ardente, respirando de modo tão intenso que seu vestido acompanhava o inflar e desinflar de seu peito. Era como testemunhar o ímpeto apaixonado de alguém perdido em amor, e aquilo me constrangia; era odioso e me fazia

sentir oprimida. Ao final, com um olhar de deleitoso orgulho, ela me puxava para perto de si, e seus lábios quentes percorriam minha bochecha com diversos beijos. Em meu ouvido, ela sussurrava quase aos soluços:

- Você é minha, será minha, e juntas seremos uma para toda a eternidade.

E então se recostava na poltrona, suas mãos pequenas cobrindo os seus olhos, enquanto eu era deixada ali, tremendo dos pés a cabeça. Depois de alguns instantes de silêncio, eu perguntava a ela:

- Temos algum tipo de ligação? O que significa tudo isso? Talvez eu a lembre alguém que você ama. Mas odeio quando se comporta dessa forma; eu não a conheço... Eu não me reconheço quando você age e fala assim.

Sua resposta comum a minha insistência era um suspiro impaciente, e depois ela soltava minha mão e me dava as costas.

Em vão eu me empenhava em elaborar alguma teoria que explicasse a natureza dessas cenas extravagantes. Não diria que eram fingimento ou algum tipo de travessura; eram incontestavelmente fruto do extravasamento de instintos reprimidos. Será que, ao contrário do que sua mãe alegava, ela não estava de fato propensa a apresentar episódios de insanidade? Ou tudo não passava de um disfarce e um romance? Recordo-me de ter lido sobre o assunto em velhos livros de contos. Quem sabe um garoto apaixonado não havia invadido a casa, todo caracterizado e decidido a conquistar seu objetivo após ter tido a assistência de uma experiente e astuciosa dama... Mas não havia evidências

que corroborassem essa hipótese, por mais que ela alimentasse minha vaidade; eu não tinha atrativos para ostentar, como faziam os homens com seus galanteios.

Entre esses momentos de puro ardor estendiam-se longos intervalos permeados por banalidades, alegria e angustiante desanimo, durante os quais eu parecia não significar nada para ela, mesmo que permanecesse me lançando aquele seu olhar carregado de melancolia ardente. A não ser por esses episódios breves tomados por sua característica impulsividade, seus modos eram bastante femininos. E a corriqueira languidez de seus movimentos claramente não condizia com o vigor masculino.

Sob alguns aspectos, seus hábitos eram bastante incomuns, talvez nem tanto para alguém da cidade, mas sim para nós, de vida rudimentar. Ela acordava habitualmente ao entardecer, geralmente não antes de uma hora da tarde. Então tomava um chocolate quente e não ingeria nada além disso. Em seguida saíamos para uma caminhada, um mero passeio, mas que a deixava imediatamente fatigada, e ela então se via forçada ou a voltar para o schloss, ou a sentar-se em algum dos velhos bancos que surgiam na paisagem aqui e ali, a sombra das árvores. Tal fraqueza de vigor corporal era algo que contrastava fortemente com sua tão vivaz desenvoltura e perspicácia nas conversas.

Por vezes, fazia referência ao seu lar de origem, ou mencionava ocasiões e aventuras datadas de um passado remoto, e esses

breves relatos sempre revelavam algo sobre os comportamentos tão peculiares dos seus parentes

e conhecidos, ou sobre tradições totalmente ocultas para nós do schloss. A julgar pelas evidências que ela deixava sobressair em alguns pontos de suas narrativas, sua terra natal parecia ser um lugar muito mais inóspito do que de início eu acreditara ser.

Em um desses repousos de nossas caminhadas vespertinas, sentadas sob as árvores, observamos um cortejo fúnebre passar diante de nós. Transportavam o cadáver de uma linda e jovem garota, que reconheci como a filha de um dos guardas-florestais. O infeliz homem caminhava logo atrás do caixão de sua menina, sua única filha, e ele estava completamente desolado.

Depois do cortejo, camponeses seguiam aos pares, entoando um canto fúnebre.

Levantei-me do banco em respeito a falecida e acompanhei o cantico entoado de maneira tão comovente.

Minha companhia deu alguns puxões no meu braço, e virei-me desconcertada para encará-la. Ela disse-me então:

- Você não percebe quão dissonante essas vozes estão?
- Pelo contrário, acredito que estão perfeitamente harmoniosas - respondi, irritada com sua interrupção e

receando que os integrantes da pequena marcha se sentissem ofendidos pelo nosso falatório indiscreto.

Tornei a cantar no mesmo momento, mas fui novamente interrompida.

- Você fere meus ouvidos! - disse Carmilla, quase colérica, tapando suas orelhas. - Além disso, o que a faz imaginar que nossas religiões sejam a mesma? Essas tradições de vocês me ofendem e odeio funerais. Mas que escândalo!

Você morrerá, todos morrerão um dia. E se sentirão muito mais felizes depois da partida. Venha, vamos para casa.

- Meu pai saiu com o pároco a caminho do cemitério da igreja hoje. Pensei que você soubesse que ela seria enterrada.

- Ela? Eu não perco meu tempo pensando em camponeses. Eu não a conheço - disparou Carmilla, um lampejo perpassando por seus belos olhos.

- Ela é a pobre garota que acreditou ter visto um fantasma umas duas semanas atrás. E vinha perdendo a vida desde então, até que finalmente faleceu na noite de ontem - eu disse.

- Não me fale sobre fantasmas, assim não conseguirei dormir esta noite.

- Espero que isso não anuncie a chegada de uma praga ou febre; pois é o que está parecendo - continuei. - A jovem esposa do criador de porcos também morreu, há apenas uma

semana. Ela disse ter sentido alguma coisa agarrando- se a sua garganta enquanto dormia, e por um fio não foi sufocada. O papai fala que essas alucinações terríveis geralmente acompanham os episódios de febre. Um dia antes, a moça estava ótima; mas teve essa crise no dia seguinte e morreu em poucos dias.

- Bom, pelo menos espero que o funeral dela já esteja concluído, e que seu cantico já tenha sido entoado. Assim nossos ouvidos não precisarão mais ser torturados com essa cacofonia incompreensível. Isso me dá nos nervos. Agora, sente-se ao meu lado, bem perto de mim. Dê-me sua mão; aperte a minha, e continue aumentando a pressão.

Havíamos nos afastado um pouco do ponto onde estávamos e chegamos a outro banco.

Ela se sentou. Uma sombra passou pelo seu semblante, e ela assumiu uma expressão que me deixou receosa, e até deveras apavorada por um momento. Seu rosto franziu-se, furioso, e ela começou a ranger os dentes e a cerrar os punhos com força. Comprimiu os lábios enquanto encarava o chão; parecia estar tomada por uma intensa febre, e seu corpo inteiro tremia incontavelmente dos pés a cabeça. Estava tencionando cada centímetro de seu ser para reprimir uma convulsão, contra a qual ela lutava já sem fôlego. Por fim, de sua garganta

irrompeu um alto e convulsivo grito de angústia, que se prolongou até sua histeria esmaecer aos poucos.

- É isso o que acontece quando se flagela os ouvidos de alguém com esses malditos canticos! - disparou. - Segure-me firme... está passando...

Sua crise de fato abrandou-se. E, talvez para amenizar o efeito assombroso que ela causara sobre mim, Carmilla começou uma conversa forçadamente alegre e alvoroçada, e assim retornamos para casa.

Aquela foi a primeira vez que testemunhei uma amostra dos sintomas aos quais sua mãe havia se referido. Também foi meu primeiro contato com qualquer demonstração de sua irritabilidade.

Ambas as exibições foram passageiras como uma nuvem no verão. E eu nunca mais chegaria a ver qualquer indício de fúria em seu semblante, exceto por uma única vez depois daquela; contarei como o episódio se deu.

Debruçávamo-nos sobre o peitoril de uma das amplas janelas de nossa sala de estar, observando a paisagem. Então, atravessando a ponte levadiça, um andarilho adentrou no saguão do castelo, e imediatamente o reconheci. Ele costumava visitar o schloss duas vezes por ano.

Era a figura de um corcunda, cujo rosto era marcado pelos traços grosseiros que comumente acompanham a deformidade. Sua barba negra e pontuda emoldurava o largo sorriso que se abria em seu rosto, o qual deixava a mostra seus caninos brancos. Estava vestido de couro negro e vermelho, todo afivelado com mais cintos do que eu conseguia contar, e nos quais se dependuravam objetos de toda natureza imaginável. Portava uma lanterna mágica e duas caixas na bagagem que arrastava atrás de si, e dentro de uma dessas caixas, como eu bem sabia, havia uma salamandra, enquanto a outra guardava uma mandrágora. Esses monstros faziam meu pai cair na gargalhada; eram uma mescla de partes de macacos, papagaios, esquilos, peixes e ouriços, todas empalhadas e mantidas juntas com alfinetes de um modo notavelmente firme. Ele trazia também um violino e uma caixa abarrotada de artigos de ilusionismo; e de sua cintura pendiam um par de floretes e máscaras diversas, além de toda sorte de pequenos estojos misteriosos. Apoiava-se em um cajado negro com ponteira de cobre, e era acompanhado por um cão de aparência selvagem. O animal detivera-se a alguns passos atrás dele, desconfiado, e começara a soltar uivos de gelar a espinha.

E então, sacando seu violino, começou a arranhá-lo com o

arco entusiasmadamente, dando início a uma alegre e desarmónica cantoria, acompanhada em seguida de passos de

dança ridículos e afoitos que me fizeram rir, apesar do tenebroso uivo do cão.

Até que ele olhou em direção a janela, dirigindo-nos um sem-número de saudações exageradas enquanto se aproximava, com seu chapéu na mão esquerda e o violino enfiado debaixo do braço. Ao chegar a um ponto onde poderia ser ouvido com mais clareza, começou a lançar sobre nós toda sua lábia em uma torrente ininterrupta, propagandeando toda a diversidade dos raros artigos de que dispunha a nossa vontade e nos apresentando todo o tipo de entretenimento que seria capaz de nos proporcionar, se assim desejássemos.

- Estariam vossas senhorias interessadas em adquirir um talismã que protege contra o oupire²? Dizem os boatos que ele tem ultimamente predado pelas matas como um lobo faminto - disse ele, jogando seu chapéu no chão. - As pessoas têm morrido a torto e a direito por sua mão, e aqui trago um talismã que é infalível; para realizar o feitiço, basta prender isto no seu travesseiro que as senhorias poderão até rir na cara da besta.

Esses talismãs consistiam em longas tiras de velino³ nas quais estavam gravados signos cabalísticos e diagramas.

Na mesma hora Carmilla pediu um, e eu a segui na compra.

Ele levantava seus olhos negros para nós, enquanto o observávamos de cima, sorridentes, aproveitando aquela diversão; mas falo isso por mim mesma. Pois, no olhar

penetrante do andarilho, percebi que ele havia detectado algo que prendera sua atenção.

- Veja, madame - disse ele, dirigindo-se a mim e apresentando-me um de seus estojos. - Entre outras coisas menos importantes, eu pratico a arte da medicina dentária. Ah, que a praga o leve embora, cão! - exclamou. - Silêncio, demônio! Ele uiva tão alto que vossa senhoria mal consegue ouvir minhas palavras. Sua tão nobre amiga, a jovem a sua direita, tem o mais afiado, longo e pontiagudo dente que já vi! É como uma sovela, ou uma agulha; ha, ha! Com meu olhar aguçado pude notar claramente daqui de baixo. Agora, se ele machuca sua amiga, o que imagino que de fato aconteça, eu posso dar um jeitinho nisso com minha lima, meu buril e meu alicate; vou deixá-lo arredondado e simétrico, se vossa senhoria assim permitir. Chega de dentes de peixe; darei-lhe um dente digno da bela e jovem madame que ela é. Oh, mas o que houve? A madame ficou aborrecida? Fui inconveniente demais? Eu a ofendi?

A madame, de fato, parecia profundamente zangada quando se afastou da janela.

- Como esse charlatão ousa insultar-nos dessa maneira? Onde está seu pai? Exigirei uma retratação. Se meu pai estivesse aqui, ele iria amarrar o miserável a um poste e açoitá-lo, e então queimar sua carne até os ossos com ferro quente!

Ela então sentou-se na cama, e assim que o fez sua ira começou a dissipar-se tão subitamente quanto havia se inflamado, e sua pele avermelhada pela raiva começou aos poucos a recobrar seu habitual tom, de modo que Carmilla

parecia ter lançado o corcunda e suas tolices ao vento.

Meu pai retornou para casa profundamente melancólico naquela noite. Ele nos disse que outro caso muito semelhante aos dois últimos havia acontecido. A apenas 1,5 quilômetro dali, a irmã de um jovem camponês fora acometida por uma repentina doença, e ela descrevera ter sido atacada do mesmo modo que as outras duas vítimas haviam relatado. Agora sua vida se esvaía lentamente, mas de modo constante.

- Tudo isso - disse meu pai - atribui-se a causas estritamente naturais. As próprias superstições dessas pobres pessoas infectaram uma a outra, e por isso têm esses pesadelos, que foram criados pelo terror que impregnou seus vizinhos.

- Mas é justamente por esse motivo que as coisas se tornam terrivelmente assustadoras - disse Carmilla.

- O que quer dizer? - indagou meu pai.

- Tenho grande pavor em imaginar esses horrores; acredito que seria tão ruim quanto vê-los na realidade.

- Estamos todos nas mãos de Deus. Nada nos acontecerá sem Sua permissão, e tudo se resolverá de forma benigna para aqueles que O amam. Ele é nosso leal criador, e olhará por todos nós.

- Criador! Natureza! – respondeu a jovem moça ao meu doce pai. – A doença que se espalha por este país é natural. Natureza. Todas as coisas são originadas na natureza, não? Tudo o que há no céu, na terra e abaixo dela vive e segue seu caminho conforme dita a natureza? Creio que sim.

- O doutor me falou que viria hoje – falou meu pai após

alguns instantes de silêncio. – Quero saber a opinião dele a respeito do que vem acontecendo, e qual é seu conselho sobre o que devemos fazer.

- Doutores nunca me serviram em nada.

- Então você já esteve doente antes? – perguntei.

- Mais do que você jamais esteve– ela respondeu.

- E isso faz muito tempo?

- Oh, sim, um longo tempo. Sofri da mesma enfermidade que essas pessoas. Esqueci tudo que se passou a não ser a dor e a fraqueza que senti, as quais não me fizeram sofrer tanto quanto outras doenças.

- Imagino que você era muito jovem na época.

- Prefiro não falar mais no assunto. Poderia, por favor, não afligir sua amiga?

Ela encarou meus olhos com uma expressão nauseada, e com seu braço enlaçou a minha cintura com carinho, levando-me para fora da sala enquanto meu pai se ocupava com algumas papeladas sentado perto da janela.

- Por que seu pai tem prazer em nos aterrorizar? – disse a linda moça com um suspiro trêmulo.

- Ele não tem, querida Carmilla. Isso seria a última coisa que ele pensaria em fazer.

- E você, minha querida, está com medo?

- Eu certamente estaria se suspeitasse que corro o perigo real de ser atacada como uma daquelas infelizes vítimas.

- Você tem medo da morte?

- Sim, como todos têm.

- Mas morrer como dois amantes... Morrer juntos para viverem juntos. As garotas são como pequenas lagartas

vivendo no mundo, até que o verão chega e elas finalmente tornam-se belas borboletas. Até lá, contudo, são apenas larvas, percebe? Todas com suas próprias índoles, necessidades e essências. Assim diz monsieur Buffon em seu livro. Há um exemplar guardado na sala ao lado.

Mais tarde naquele dia o doutor compareceu ao schloss e permaneceu em conversa particular, fechado com meu pai em um aposento por algum tempo.

Era um homem deveras engenhoso e estava na casa dos 60 anos. Ele passava pó em sua face naturalmente alva e se barbeava até sua pele ficar tão lisa quanto uma abóbora. Quando os dois, enfim, saíram do quarto, ouvi o papai rindo enquanto dizia:

- Bem, é claro que eu não esperava ouvir isso de um homem tão letrado quanto o senhor. O que tem a dizer sobre hipogrifos e dragões, por exemplo?

O doutor sorriu meneando a cabeça e respondeu:

- De qualquer modo, vida e morte são envoltas em mistério, e pouco sabemos sobre as fontes que alimentam essas duas condições.

E então se afastaram dali, até eu não poder ouvir mais nada. Naquela ocasião, eu não entendi nada sobre o que o doutor estivera falando; mas acredito que hoje compreendo.

2 Outra nomenclatura para os vampiros. A palavra oupire tem origem provavelmente eslovena e diz-se que significa literalmente “sanguessuga”. (N.T.)

3 Tipo de pergaminho feito de couro de fetos bovinos. (N.T.)

CAPITULO V

Uma surpreendente semelhança

Naquela noite, vindo diretamente de nossa pequena capital, Gratz, chegou ao castelo um rapaz bastante carrancudo e austero. Era o filho do restaurador de quadros, e trazia em sua charrete dois caixotes, cada um abarrotado de pinturas. Aquela era uma jornada de quase cinquenta quilômetros, e, sempre que algum mensageiro chegava de Gratz, era comum que o recebêssemos com entusiasmo e curiosidade, e nos amontoávamos ao seu redor, ávidos por ouvir as notícias da cidade.

A aparição do rapaz causou grande euforia em nosso schloss tão afastado do mundo. Seus caixotes foram depositados no pátio, e as criadas se encarregaram de cuidar da acomodação do mensageiro até que lhe fosse servido seu jantar. Ansiosos por vê-lo desembalar as pinturas, aguardávamos por sua presença reunidos no pátio, onde ele mais tarde se uniu a nós acompanhado de seus assistentes, portando consigo um martelo, um cinzel e uma chave de fenda.

Carmilla sentou-se observando a cena com indiferença enquanto os velhos quadros, em sua maioria retratos, eram retirados dos caixotes um a um, todos já tendo passado

pelo processo de restauro. Minha mãe possuía antigas raízes húngaras, e foi através de sua intermediação e seus contatos que a maioria dessas pinturas havia chegado até nós.

Em suas mãos, meu pai segurava uma lista em que constavam alguns números, e ele os lia em voz alta enquanto o artista retirava do caixote a obra correspondente aquela numeração. Eu não tinha certeza se a qualidade das pinturas era boa ou não, mas sabia que eram sem dúvida muito antigas, e algumas bastante peculiares. Em sua maior parte, os quadros tinham agora o mérito de serem vistos por mim pela primeira vez, pois o pó depositado ali pelas eras havia ocultado as pinturas.

- Há uma pintura que ainda não vi aparecer - observou meu pai. - No seu canto superior, pelo que me lembro, está escrito o nome "Marcia Karnstein", seguido pelo ano "1698". Estou curioso para saber como ficou depois da restauração.

Lembrava-me dessa pintura; era pequena, de mais ou menos sessenta centímetros de altura, quase um quadrado perfeito e sem moldura. Mas, antes de ser restaurada, estava tão enegrecida que eu não conseguia identificar o que ela representava.

O artista retirou-a do caixote e nos exibiu seu trabalho com evidente orgulho. E então eu vi: era um retrato lindo, esplêndido. Parecia vivo. Era a efígie da própria Carmilla!

- Minha querida Carmilla, isso é um verdadeiro milagre! Aqui está você, sorridente, e tão vívida que seu retrato parece prestes a falar. Não é lindo, papai? Veja, tem até a mesma marquinha no pescoço!

Meu pai riu e disse:

- Concordo que há uma surpreendente semelhança. - E então desviou o olhar, deixando-me surpresa por não ter esboçado nenhuma reação de espanto, e começou a conversar com o restaurador, que, por possuir também uma veia artística, estava agora apresentando argumentos técnicos e precisos quanto aos outros trabalhos ali presentes. Eu me sentia cada vez mais absorvida pelas maravilhas do quadro a medida que observava seus detalhes mais a fundo.

- Posso pendurar esse retrato no meu quarto, papai? - perguntei.

- Certamente, querida - respondeu, com um sorriso. - Acho interessante que o tenha achado tão parecido com sua amiga. Se realmente há essa semelhança, então ele deve ser mais bonito do que eu imaginei.

Mas a jovem moça não demonstrou nenhum sinal de que havia notado meu entusiasmo. Recostada em uma cadeira, os belos olhos por baixo de seus longos cílios encaravam-me com admiração, e ela sorria para mim com uma espécie de êxtase.

- Agora é possível ler com toda clareza o nome escrito no retrato. Parece ter sido grafado a ouro. Não diz “Marcia”; o nome é Mircalla, a condessa de Karnstein, e logo acima dele há uma pequena coroa, com a data “1698 d.C.”. Sou descendente da linhagem dos Karnstein. Digo, a mamãe era.

- Ah! Eu também sou - disse a jovem, com languidez. - Minha ascendência é muito longínqua, muito antiga. Ainda

resta algum Karnstein vivo?

- Não acredito que alguém leve esse nome nos dias de hoje - respondi. - A família foi totalmente dizimada no decorrer de algumas guerras civis, eu suponho, muito tempo atrás. Mas as ruínas do seu castelo ainda estão de pé, a uma distancia de cinco quilómetros daqui.

- Intrigante! - ela disse, novamente de um jeito languido. - Mas veja se esse luar, não está magnífico! - E então espiou pela fresta da porta entreaberta do saguão. - Imagine vagar sob ele, dar uma volta no pátio e observar a estrada e o rio lá embaixo.

- Se parece muito com o luar da noite em que você chegou aqui - eu disse.

Carmilla soltou um suspiro, sorrindo.

Ela se ergueu da cadeira, e ambas, envolvendo as cinturas uma da outra com os braços, dirigimo-nos castelo afora.

Andamos sem dizer uma palavra, lentamente, através da ponte levadiça, enquanto a paisagem se revelava diante de nós.

- Então você pensava na noite da minha chegada? - ela perguntou, praticamente sussurrando. - Está feliz com minha presença?

- Deslumbrada, querida Carmilla - respondi.

- E você pediu para pendurar em seu quarto aquela pintura que acredita se parecer comigo - murmurou com um delicado suspiro, apertando um pouco mais com seu braço minha cintura e deixando sua linda cabeça repousar no meu ombro.

- Você é tão romântica, Carmilla - eu falei. - Quando

finalmente contar-me sua história, sei que ela vai soar como uma belíssima história de amor.

Ela me beijou em silêncio.

- Estou certa, Carmilla, de que você já se apaixonou. De que há um caso de amor acontecendo neste momento.

- Nunca me apaixonei por ninguém, e nunca hei de fazer isso - sussurrou perto de mim. - A não ser que seja por você.

Que linda ela estava sob a luz daquele luar!

Foi com timidez e mistério que ela escondeu de mim seu rosto, pressionando-o contra meu pescoço com suspiros tão

emocionados que mais pareciam soluços, enquanto, com os dedos trêmulos, ela tomava minha mão.

Senti a calidez de sua face macia contra a minha.

- Querida... querida... - diziam seus sussurros em meu ouvido. - Eu vivo em você, e sei que morreria por mim. Eu a amo tanto...

Soltei-me de seu aperto.

Ela me encarava, e toda a chama que havia em seu olhar havia se apagado; seu rosto havia empalidecido e perdido toda a expressividade.

- O ar ficou gélido de repente, querida? - ela disse, atordoada. - Já estou a ponto de ter uma tremedeira. Estive sonhando? Vamos entrar. Venha... Vamos para dentro.

- Você não me parece bem, Carmilla, está um tanto pálida.

Você precisa mesmo tomar um gole de vinho.

- Sim... Tomarei. Sinto-me bem agora, e devo melhorar ainda mais dentro de alguns instantes. Sim, dê-me um pouco de vinho - ela respondeu enquanto nos

aproximávamos da porta. - Vamos dar mais uma olhada, por um momento... talvez esta seja a última vez que verei o brilho do luar em sua companhia.

- Como se sente agora, querida Carmilla? Está mesmo se sentindo melhor? – perguntei, já alarmada pela possibilidade de ela estar apresentando os sintomas da estranha epidemia que, diziam, se alastrava pelo nosso país. – O papai ficaria mais aflito do que se pode imaginar se suspeitasse que você demonstrou qualquer sinal de doença e mesmo assim não nos avisou imediatamente sobre seus sintomas. Temos um médico muito habilidoso a nossa disposição, o doutor que estava com o papai hoje.

- Sem dúvida, ele é competente. E sei quão gentil todos vocês são. Mas garanto, querida garota, que já me recuperei. Não há nada de errado comigo; é só uma fraqueza. As pessoas falam que sou frágil. Que sou incapaz de fazer algum esforço, como andar uma distancia facilmente percorrida por uma criança de 3 anos, sem ficar extremamente exausta. De fato, de tempos em tempos o escasso vigor do qual disponho se esvai, e fico tão débil quanto você me viu ficar agora. Mas, no final das contas, eu me recupero sem nenhuma dificuldade, e em pouquíssimos instantes. Veja como estou revigorada.

Ela havia claramente recobrado suas forças. Tornamos a andar, permanecendo assim por um bom tempo, durante o qual ela mostrou-se bastante bem-disposta. E passamos o que restava daquela noite sem mais nenhum episódio de seus “arroubos”, como eu decidira chamar seus surtos, ou seja, seus tão ensandecidos falatórios e olhares, os quais

me deixavam profundamente envergonhada e até mesmo amedrontada.

Mas ainda naquela noite aconteceria um evento que daria um novo rumo ao caminhar dos meus pensamentos, o qual faria até mesmo a natureza debilitada de Carmilla ser estimulada com um ímpeto momentâneo.

CAPÍTULO VI

Uma angústia bastante incomum

Quando nos acomodamos na sala de estar para nosso café e chocolate quente, dos quais Carmilla não tomou nenhum gole, seu comportamento parecia ter voltado a completa normalidade. Madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine uniram-se a nós e trouxeram o baralho; enquanto jogávamos, o papai adentrou na sala e sentou-se para seu costumeiro chá.

Finalizado o jogo, ele se acomodou ao lado de Carmilla no sofá, perguntando-lhe com uma certa urgência se ela havia tido quaisquer notícias de sua mãe desde o dia em que chegara ao castelo.

- Não - foi sua resposta.

Em seguida, ele quis saber onde ela estava no momento para poder enviar-lhe uma carta.

- Não tenho certeza - respondeu, de um modo nada convincente. - Mas acredito que já esteja na hora de me despedir de vocês. Não posso mais abusar de sua hospitalidade e gentileza, e sei que já lhes causei problemas o bastante. Devo tomar uma carruagem amanhã e partir em busca de minha mãe; sei onde ela pode provavelmente estar, mas temo não poder lhes contar.

- Nem pensar! - exclamou meu pai, para meu grande alívio.
- Não suportaríamos perdê-la; o único jeito de eu permitir que parta é com o consentimento de sua mãe, que para nossa felicidade concordou em deixá-la sob nossos cuidados até seu retorno. Seria de grande satisfação para mim se eu soubesse que você teve alguma notícia dela; no entanto, nesta noite fiquei sabendo de mais relatos sobre as atividades dessa tão misteriosa doença que assola nossa vizinhança, e ela vem tomando proporções ainda mais preocupantes. Sendo assim, minha bela hóspede, você estaria em total perigo lá fora, e, se algo viesse a acontecer com você, a responsabilidade pesaria inteiramente sobre mim. Mas farei meu melhor; contudo, saiba que uma coisa é certa: você não deve nem cogitar sair daqui sem que sua mãe lhe dê diretrizes muito claras quanto a isso. A ideia de sua partida é angustiante demais para que concordemos com ela tão facilmente.

- Agradeço infinitamente pela sua hospitalidade, senhor - ela respondeu, com um sorriso tímido. - Vocês todos têm sido muito bondosos comigo... Raras vezes em minha vida estive tão feliz quanto me sinto agora aqui em seu belo chateau, sob sua responsabilidade e na presença de sua tão amada filha.

Ele então, com toda sua cortesia antiquada, beijou sua mão em um gesto de agradecimento pelo seu breve discurso.

Como de costume, acompanhei Carmilla até seu quarto e sentei-me em uma poltrona, e ficamos conversando enquanto ela se preparava para dormir.

- Você acha - comecei a dizer depois de um tempo - que um dia chegará a ter total confiança em mim?

Ela virou-se para mim e sorriu; e assim permaneceu, sem nada responder.

- Não vai dizer nada? - indaguei. - Não há como responder sem me magoar, não é? Eu devia ter ficado calada.

- Você tem todo o direito de perguntar-me sobre isso, ou sobre qualquer coisa. Se soubesse o tamanho da minha afeição por você, não acreditaria que minhas confidências são secretas a ponto de não poder perguntar sobre elas. Mas acontece que fiz juramentos mais rigorosos que os votos de qualquer freira, e não posso arriscar minha história ainda, nem mesmo para você. Muito em breve você será informada de tudo. Certamente acreditará que sou cruel e egoísta; mas o amor é egoísta, e mais ainda quanto mais ardente ele for. Meu ciúme chega a níveis que você nem pode imaginar. Você deve amar-me ou odiar-me enquanto me segue rumo a morte; entretanto, nos dois casos, há de seguir-me, e, se for para me odiar, que o faça enquanto caminha pela morte até além dela. A indiferença não é um conceito que faz parte de minha natureza apática.

- Carmilla, você começará de novo com seus absurdos sem sentido - apressei-me em dizer.

- Não; sou uma tolinha cujos caprichos e fantasias não me permitiriam fazer isso agora. Por sua causa, falarei com sensatez. Você, por acaso, já esteve em um baile?

- Mas que pergunta repentina... Não, nunca estive. Qual é a sensação? Deve ser um evento encantador.

- Já quase não me lembro como é. Faz muito anos que

participei de um.

Eu soltei uma risada.

- Você não é tão velha assim, não pode ter esquecido do seu primeiro baile.

- Recordo-me de tudo, se eu fizer algum esforço. Vejo tudo diante de mim, tal como um mergulhador enxerga a superfície da água quando olha para cima: através de um filtro denso e trêmulo, mas ainda transparente. Naquela noite aconteceu algo que nublou minha visão e desbotou todas as cores a minha volta. Cheguei a ser quase assassinada em minha própria cama e fui ferida aqui. - Ela tocou seu peito. - A partir de então, nunca mais fui a mesma.

- Você esteve a ponto de morrer?

- Sim, cheguei muito perto. Um amor quase levou minha vida de mim, um muito cruel e anormal. O amor exige sacrifícios, e não há sacrifício sem sangue. Acho que preciso dormir agora, sinto-me indisposta. Não sou capaz nem de levantar-me e trancar a porta.

Ela deitava enterrando suas mãozinhas em seu vistoso e ondulado cabelo, a cabeça apoiada no travesseiro enquanto seus olhos cintilantes seguiam meus movimentos. Ela sorria para mim com um ar tímido e indecifrável.

Desejei-lhe uma boa-noite e saí do quarto com uma sensação nada prazerosa.

Com frequência, eu me perguntava se nossa bela hóspede fazia suas orações. Certamente, nunca a vira ajoelhar-se, e ela descia de seu quarto somente muito depois da manhã, ou seja, depois de as rezas da família já terem sido todas

feitas. Ela também não se unia a nós em nossas breves orações noturnas no saguão.

Se ela não tivesse dito casualmente em uma de nossas conversas que havia sido batizada, eu continuaria duvidando de que ela era mesmo uma cristã. Sobre religião, ela nunca falava uma única palavra sequer. Eu não teria me espantado com essa sua recusa, ou antipatia, se tivesse um pouco mais de conhecimento sobre o mundo naquela época.

As precauções tomadas por pessoas de temperamento nervoso acabam contagiando, depois de um tempo, indivíduos de personalidade semelhante, que por sua vez começam a copiá-las. Adquiri o hábito que Carmilla tinha de manter o quarto trancado durante o sono, pois eu havia preenchido minha cabeça com todos os seus avisos exagerados sobre invasores noturnos e assassinos silenciosos. Também adotei seu costume de vasculhar o quarto rapidamente para me assegurar de que não havia ninguém a espreita para me matar ou roubar.

Assim fiz naquela noite e, depois de tomadas essas sábias precauções, pude, enfim, deitar-me em paz. Uma chama ardia em meu quarto, o que era um hábito já antigo meu e o qual eu não abandonaria por nada.

Mas sonhos atravessam paredes de pedra, iluminam quartos escuros ou até escurecem os iluminados, e as pessoas que os habitam entram e saem dos quartos ao seu bel-prazer, rindo-se do hábito de trancar a porta.

Sonhei naquela noite com algo que parecia ser o princípio de uma angústia bastante incomum.

Não o classificaria como um pesadelo, pois eu tinha a completa consciência de que estava dormindo, e, ao mesmo tempo, percebia-me em meu quarto, deitada em minha cama, exatamente como eu me encontrava. Era capaz de ver, ou imaginava que via, a mobília do quarto toda disposta do

mesmo jeito de sempre, mas o ambiente estava mais escurecido que o normal, e ao pé da cama notei que algo se mexia. À primeira vista não consegui distinguir o que era, mas logo vi que se tratava de um animal de pelos negros muito semelhante a um gato monstruoso. Parecia-me que ele tinha cerca de um metro e meio de comprimento, ou um pouco mais, pois quando passou pela frente da lareira seu corpo coube perfeitamente na extensão de um tapete que havia ali. E ele permanecia andando para lá e para cá, com a sinistra e ágil inquietação de uma besta enjaulada. Eu não conseguia gritar, apesar de estar, como já se poderia presumir, aterrorizada. O animal aumentava a velocidade dos seus movimentos a medida que o quarto ficava mais e mais escuro, até que eu não enxergasse mais nada naquele breu a não ser seus olhos. Senti quando ele saltou com leveza para cima da cama. Os dois grandes olhos aproximaram-se lentamente do meu rosto na escuridão, e subitamente senti uma dor lancinante em meu peito, como duas agulhas compridas enterrando-se em mim. Acordei aos gritos. A vela que queimava na cabeceira ainda iluminava o quarto, e quando olhei para a frente da cama vi que ali estava de pé uma figura feminina. Ela usava um largo vestido negro, e seu cabelo solto caía-lhe por sobre os ombros. Uma rocha não poderia estar mais

imóvel do que ela; não havia a mínima sombra de movimento, nem de respiração. Enquanto eu a encarava, a figura parecia

ter mudado de posição. Estava agora mais próximo da porta; quando chegou nela, a porta abriu-se de repente, e a mulher a atravessou e sumiu.

Finalmente liberta daquele horror, recuperei meus movimentos e minha respiração. De início, imaginei que Carmilla estivesse me pregando algum tipo de peça, e que eu havia esquecido de trancar meu quarto. Mas, quando corri em direção a porta, encontrei-a trancada pelo lado de dentro, exatamente como eu a havia deixado. Temia abri-la; estava horrorizada. Pulei na minha cama e puxei as cobertas até minha cabeça, e assim permaneci até a manhã, sentindo-me mais morta do que viva.

C A P I T U L O V I I

Descida

Não haveria proveito algum em minhas tentativas de explicar o horror com o qual me recordo ainda hoje do que ocorreu naquela noite. Aquele evento não causou o temor passageiro que os sonhos normalmente deixam em seu rastro; seu efeito parecia intensificar-se com o tempo, estendendo-se para dentro do quarto e até para a mobília que circunscrevera toda a cena.

No decurso do dia seguinte, não pude ficar sozinha nem por um minuto. Eu deveria ter contado sobre o assunto ao papai, mas não o fiz por duas razões: primeiramente, acreditava que ele faria troça da minha história, algo que eu não podia suportar; a outra razão era meu receio de que ele acreditasse que eu havia sido mais uma vítima daquele assombro misterioso que aterrorizava as redondezas. Eu tinha certeza de que essa segunda possibilidade estava fora de cogitação, e, como papai adoecera algum tempo atrás, eu não queria preocupar seu frágil coração desnecessariamente.

A presença das minhas gentis companhias, madame Perrodon e a alegre mademoiselle De Lafontaine, era o bastante para manter-me reconfortada. Ambas notaram meu humor deprimido e angustiado, e, no final das contas,

decidi explicitar o que pesava tão dolorosamente em meu coração.

fvademoiselle De Lafontaine apenas riu, mas imaginei ter visto apreensão no rosto de madame Perrodon.

- E por falar nisso - disse mademoiselle soltando uma risada -, a alameda das tílias, aquela que passa por trás do quarto de Carmilla, está assombrada!
- Bobagem! - exclamou madame, provavelmente considerando o tema bastante dispensável. - Quem disse isso, querida?
- Martin me contou que, nas duas vezes em que saiu para consertar o velho portão, antes da alvorada, ele viu a mesma mulher caminhando pela alameda.
- E ele continuará vendo, pois é por aquele caminho que as pessoas passam para ir ordenhar as vacas nos campos.
- Pode até ser, mas Martin ainda assim ficou muito assustado. Nunca vi alguém desse jeito.
- Não contem nada disso a Carmilla, pois a janela do seu quarto se abre diretamente para a alameda - eu avisei -, e imagino que essas coisas assustem muito mais a ela do que a mim.

Naquele dia, Carmilla demorou mais do que o costume para descer de seu quarto.

- Fique tão apavorada nessa noite – ela disse, quando finalmente desceu. – E decerto teria visto algo assombroso se não fosse por aquele talismã que comprei do pobre corcunda, a quem eu tanto amaldiçoei. Sonhei que alguma coisa preta se aproximava da minha cama e acordei em profundo pânico. Depois, podia jurar que tinha visto uma

figura de roupas escuras perto da lareira, mas então procurei por meu talismã embaixo do travesseiro e, assim que o toquei, a aparição sumiu. Eu tinha absoluta certeza de que algo terrível apareceria ali, e talvez pudesse me ferir do mesmo modo que aconteceu com as pobres vítimas das quais ouvimos falar.

- Bom, escute – comecei a dizer, e então relatei a ela meu episódio, e ao ouvi-lo ela ficou aterrada.

- E você tinha seu talismã por perto? – ela perguntou com seriedade no rosto.

- Não, eu o havia deixado em um vaso de porcelana na sala de estar, mas sem dúvida irei levá-lo ao meu quarto hoje a noite, já que você tem tanta fé na sua proteção.

Transcorrido tanto tempo desde aquela época, não consigo expressar, nem mesmo compreender, como venci o tamanho

pavor que me impedia de deitar-me solitária naquele quarto quando a noite caiu. Lembro apenas de ter prendido meu talismã ao meu travesseiro e, quase imediatamente depois, cair em um sono ininterrupto como jamais tivera antes.

A noite seguinte decorreu da mesma maneira, e meu sono foi agradavelmente profundo e sem sonhos.

Mas me lembro de ter levantado da cama bastante fatigada e melancólica, embora esses sentimentos não chegassem a ultrapassar um nível, digamos, quase prazeroso.

Após eu contar os detalhes desse meu sono pacífico, Carmilla olhou-me e falou:

- Como já lhe disse, também tive um sono tranquilo e

reconfortante na noite passada. Prendi meu talismã no decote da minha camisola, pois o havia deixado fora do meu alcance na noite anterior. Tenho certeza de que tudo que vi ao abrir os olhos não tinha significado nenhum, mas as coisas com as quais sonhei, sim. Eu acreditava que os sonhos eram criados por espíritos malignos, mas nosso doutor negou essa hipótese. Tudo não passa de indícios de uma febre, ou de alguma outra enfermidade, que tenta invadir nosso corpo, mas, ao perceber que não consegue entrar, segue seu caminho.

- E o que você acredita que o talismã seja?

- Ele foi embebido ou borrifado com algum remédio, um antídoto contra a malária.
- Então quer dizer que ele age somente sobre o corpo?
- Precisamente. Você não acredita mesmo que tiras de pergaminho ou os produtos de um farmacêutico poderiam espantar os espíritos malignos, acredita? Nada disso. Essas mazelas estão espalhadas pelo ar e tentam se infiltrar pelos nossos nervos, infectando em seguida nosso cérebro. Mas, antes que possam nos consumir por completo, o antídoto as repele. Posso garantir que o talismã agiu sobre nós não de um jeito místico, mas simplesmente natural.

Meus animos certamente se acalmariam se eu acreditasse nas palavras de Carmilla, o que tentei fazer com todas as minhas forças. E percebi que, de fato, fui me tranquilizando aos poucos.

Tive sonhos perfeitamente plenos e profundos por algumas noites. Mas ainda acordava fatigada pela manhã e passava o resto do dia sentindo o peso de uma incômoda languidez

em meus ombros. Não me sentia mais como a mesma garota de sempre. Uma melancolia bastante curiosa se apossava de mim, contra a qual eu não sentia a necessidade de lutar.

Pensamentos macabros sobre morte despertavam em minha mente, e sentia-me dominada pela sensação de que estava aos poucos afundando, o que era, por alguma razão, algo bastante

convitativo. Se o estado de espírito provocado por essa sensação era permeado por tristeza, ele também me trazia deleite.

Fosse o que fosse, meu coração encontrava-se plenamente resignado quanto a isso.

Não ousaria admitir que pudesse estar doente, nem contar ao meu pai sobre nada, tampouco requisitar a presença do doutor.

Carmilla ficou mais afeiçoada a mim do que jamais fora antes, e seus estranhos paroxismos impregnados com sua tão languida devoção tornaram-se mais frequentes. Ela parecia regozijar-se com crescente ardor diante do gradual esvair-se da minha vitalidade, e testemunhar esses breves vislumbres de insanidade era algo que sempre me chocava.

Sem ter consciência disso, eu agora enfrentava um estado extremamente avançado da doença mais estranha que um mortal poderia ter. Seus sintomas iniciais haviam contaminado minha mente com um inexplicável fascínio, o qual me mantivera disposta a lidar com as debilitações proporcionadas por essa enfermidade. A intensificação de tal fascínio mais tarde se confundiu com uma sensação de assombro, penetrando gradualmente em meus sentidos até finalmente corromper por inteiro o estado em que minha

vida se encontrava até então.

A primeira alteração pela qual passei me causou, na realidade, uma grande satisfação. Ela ocorreu bem próximo a um momento crítico de minha vida, quando teve início minha decida ao Lago d'Averno⁴.

Vagas e estranhas impressões passaram a visitar meu sono. Entre elas, destacava-se uma que se assemelhava aquele tão aprazível e peculiar calafrio que percorre nosso corpo ao nos banharmos, ou ao nadarmos contra a corrente de um rio. Seguido a isso, vieram sonhos que pareciam perdurar uma eternidade, tão nebulosos que eu não era capaz de recordar-me nem dos ambientes, nem dos rostos, nem de nada que houvesse estado presente neles, mas em sua passagem deixavam um péssimo desconforto, além de uma sensação de esgotamento sufocante, como se minha mente tivesse passado por um longo período de inquietação e perigo.

Após ser visitada por todos esses sonhos, ao acordar eu mantinha comigo a memória de ter estado em um lugar quase completamente escuro e falado com pessoas que eu não podia enxergar. Lembrava sobretudo de uma voz feminina ao longe, muito clara, de um falar sereno e carregado de sentimentos, que gerava em mim uma sensação de inexprimível solenidade e temor. Por vezes, imaginava ter sentido o gentil acariciar de uma mão ao longo da minha face e do meu pescoço; em outras, sentia em mim o beijo de ardentes lábios, que me tocavam com uma crescente paixão e se demoravam em

minha pele mais e mais a medida que se aproximavam da minha garganta.

E, quando chegavam aí, permaneciam fixos. Meu coração palpitava veloz, meu peito inflava e desinflava mais rapidamente com minha respiração descompassada, um soluço engasgado subia-me a garganta, como se eu estivesse sendo estrangulada, e dava lugar a uma convulsão aterradora de se ver, até que meus sentidos, enfim, me abandonavam, me jogando na inconsciência.

Três semanas já haviam se passado desde o início desse terror indescritível.

Meus sofrimentos já se evidenciavam em minha aparência: empalidecida, meus olhos dilataram-se e ganharam olheiras, e a languidez que havia tempos me atormentava começava a traduzir-se em meu semblante.

Com frequência, meu pai me questionava sobre eu estar doente; porém, com uma resistência que eu julgava inexplicável, eu persistia em assegurar-lhe de que tudo estava na mais perfeita normalidade.

E, por um lado, eu tinha razão. Não sentia dores e não podia me queixar de nenhuma disfunção corporal. Aparentemente, meus únicos desarranjos eram de natureza imaginária, os quais me deixavam tão terrivelmente debilitada que eu os resguardava de todos com uma discrição mórbida.

Eu não poderia atribuir essa enfermidade ao que os camponeses chamavam de oupire, pois meus sofrimentos já se estendiam por três semanas, ao passo que todas as vítimas, até então, haviam perdurado, quando muito, três dias antes de a morte, enfim, levar suas dores embora.

Carmilla queixava-se dos seus sonhos e de episódios

febris, mas a precariedade de sua condição não era nem de longe tão alarmante quanto a minha. Estivesse eu ciente do meu estado, teria implorado de joelhos por amparo e orientação. Eu, com certeza, sofria a influência de algum poderoso narcótico, o que atordoava meus sentidos.

Contarei agora sobre o sonho que me levou diretamente a uma incomum revelação.

Em uma dessas noites conturbadas, em vez de ouvir aquela habitual voz que falava comigo na escuridão, escutei outra, terna e doce, mas ao mesmo tempo terrível, que disse: “Sua mãe a adverte que seja cautelosa quanto a um assassinato iminente”. E, no mesmo instante, uma luz repentina tomou conta da cena, e vi Carmilla de pé na extremidade da cama, vestida em sua camisola branca e banhada de sangue do queixo aos pés.

Acordei com um grito estridente, certa de que Carmilla estava sendo assassinada. Lembro-me apenas de ter saltado da

cama e me dirigido ao saguão, onde fiquei aos prantos implorando por ajuda.

Madame e mademoiselle chegaram ali em um átimo, alarmadas. Havia sempre uma lamparina acesa no saguão, e, ao me verem, deduziram imediatamente qual era a causa do meu assombro.

Insisti que tentássemos entrar no quarto de Carmilla. Batemos a porta, que estava trancada, mas não obtivemos resposta. Então cerramos os punhos e esmurramos a porta, gritando seu nome; mas em vão.

O terror se apossava de nós. Apressamo-nos de volta ao meu quarto, onde havia uma campainha, e começamos a

tocá-la desesperadamente. Se o quarto de meu pai estivesse localizado naquela parte do castelo, ele certamente teria nos ouvido e vindo em nosso auxílio sem demora. Mas ai de nós! Ele estava longe do alcance da campainha, e chegar até ele envolvia caminhar por meio de corredores do castelo os quais nenhuma de nós tinha coragem de percorrer.

No entanto, ouvimos os passos dos criados pelas escadas e pudemos distinguir que eles se encaminhavam para o saguão. Àquela altura, eu já havia me trocado, e minhas governantas encontravam-se já previamente vestidas de modo apresentável. Ouvimos as vozes dos criados e nos apressamos

para fora do meu quarto. Uma outra vez tentamos, sem sucesso, chamar por Carmilla a sua porta, e em seguida mandei alguns homens forçar a fechadura. Eles então começaram o trabalho, enquanto nós segurávamos nossas velas um pouco afastadas. A porta, enfim, se escancarou, e olhamos para dentro.

Chamamos seu nome; mas ela ainda não respondia.

Esquadrinhamos o quarto, tudo estava intocado, do mesmo jeito que eu o deixara ao me despedir dela naquela noite. Mas Carmilla havia desaparecido.

4 Também chamado de Avernus, é um lago vulcânico situado na região da Itália, e na tradição greco-romana acredita-se que ele seja a entrada para o inferno. Seu nome deriva da palavra grega “aornon”, literalmente “lugar sem pássaros”, pois o vapor do enxofre que emana dali mata quaisquer aves que sobrevoem suas superfícies. (N.T.)

C A P I T U L O V I I I

Busca

Ao nos depararmos com o quarto inalterado, a não ser pela porta forçada, nosso nervosismo começou a se atenuar, e logo estávamos tranquilas o suficiente para poder dispensar os homens dali. Mademoiselle especulava que Carmilla havia sido acordada pelo alvoroço em sua porta e, em seu primeiro ímpeto assustado, saltara da cama para esconder-se dentro do armário ou atrás das cortinas até que o mordomo e seus assistentes, enfim, tivessem se retirado do quarto. Fizemos uma nova procura no cômodo, chamando seu nome.

No entanto, nossos esforços foram infrutíferos e só serviram para intensificar nossa perplexidade e inquietação.

Examinamos as janelas, mas estavam muito bem trancadas. Ainda supondo que Carmilla pudesse estar escondida ali, implorei-lhe para que pusesse um fim naquela brincadeira e aplacasse de uma vez nossa ansiedade. Mas não obtive sucesso. Finalmente convenci-me de que ela não estava nem no seu quarto nem no vestiário, cuja porta ainda se encontrava trancada pelo lado de fora. Eu estava profundamente confusa. Será que Carmilla havia descoberto uma das passagens secretas que, uma antiga governanta dissera, existiam espalhadas pelo schloss, mesmo que sua

exata localização houvesse sido havia muito esquecida? Sem dúvida, a resposta para tudo surgiria em pouco tempo.

Já passava das quatro da madrugada, e optei por ficar o restante daquelas horas de escuridão com madame Perrodon em seu quarto. O dia rompeu sem, no entanto, reavivar nossos espíritos.

Os habitantes do castelo inteiro, com meu pai tomando a frente da situação, deram início a uma desenfreada busca naquela manhã. Cada parte do chateau foi meticulosamente vasculhada, e seus arredores foram esquadrihados, mas nenhum sinal da moça desaparecida foi encontrado. As pessoas já se preparavam para dragar o riacho, mas meu pai encontrava-se absorto em distrações; que história ele teria para contar a mãe da garota quando ela retornasse... Eu me encontrava igualmente fora de mim, mas os motivos para minha aflição eram outros.

A manhã havia sido permeada por sobressalto e agitação. O relógio já marcava uma hora da tarde, mas permanecíamos sem notícias. Decidi voltar ao quarto de Carmilla, e, ao chegar lá, encontrei-a de pé diante da penteadeira.

Fiquei boquiaberta. Não acreditava em meus próprios olhos. Ela me chamou para perto de si com seu delgado dedo, em silêncio; em seu rosto, uma expressão de intenso pavor.

Corri em sua direção tomada por uma felicidade arrebatadora. Dei-lhe inúmeros beijos e a abracei com fervor. Precipitei-me até a campainha que havia ali e comecei a tocá-la com toda a minha energia, no intuito de

chamar a todos para contemplarem a visão que iria, finalmente, restaurar o animo de meu pai.

- Carmilla, minha querida, o que aconteceu a você durante todo esse tempo? Estivemos completamente tomados por agonia e ansiedade – exclamei. – Por onde esteve? Como retornou?

- Muitos mistérios aconteceram na noite passada – ela disse.

- Por misericórdia, explique-me tudo o que sabe.

- Já passava das duas horas da madrugada – ela começou

- quando, como de costume, deitei-me para dormir depois de ter trancado minhas duas portas: a do vestiário e a que dá acesso a galeria. Nada interrompeu meu sono, e, até onde posso me lembrar, não tive sonhos. Mas acabei de acordar no sofá do vestiário e notei que a porta entre os quartos estava aberta, enquanto a outra havia sido forçada. Como é possível isso ter acontecido sem que eu acordasse? Eu deveria ter despertado com o barulho da ação, pois meu sono é particularmente leve. E como fui retirada da minha cama sem

nem sequer abrir os olhos, eu que normalmente acordo com a menor movimentação?

Naquele momento, minhas governantas, meu pai e um grupo de empregados entraram no quarto. Obviamente, Carmilla foi tomada por perguntas, cumprimentos e boas-vindas. Ela respondia a todos com a mesma história, e, entre eles, era a que tinha menos condições de explicar o que havia acontecido. Meu pai perambulava pelo quarto, imerso em pensamentos, e percebi que, por um breve momento,

Carmilla seguiu-o com os olhos, e havia neles uma expressão maliciosa e sombria.

Quando meu pai dispensou os empregados e mademoiselle saiu em busca de um frasco de valeriana, ficamos no quarto apenas eu, ele, madame e Carmilla. Meu pai, então, aproximou-se de nossa hóspede e, tomando sua mão com delicadeza, conduziu-a até o sofá e ali sentou-se com ela.

- Você se importaria, querida, se eu arriscasse um palpite sobre o ocorrido e lhe fizesse uma pergunta?

- E quem mais seria digno de fazê-lo? - ela disse. -

Pergunte-me o que desejar, e eu lhe contarei tudo. Mas o que tenho a dizer não passa de um conto caótico e permeado por escuridão, não há absolutamente nada que eu saiba. Mas faça-me as perguntas que quiser, que responderei a todas, a não ser

que elas entrem em conflito com as restrições impostas em mim por minha mãe.

- Muito bem, então, querida criança. Não pronunciarei nada a respeito do que exija nosso silêncio. Agora, o mistério da noite passada consiste em você ter sido retirada de seu quarto aparentemente sem se dar conta disso, o que aconteceu enquanto as janelas ainda estavam todas com suas travas de segurança e as duas portas, trancadas por dentro. Eu lhe direi o que penso sobre isso.

Carmilla apoiava-se em uma de suas mãos, abatida, enquanto madame e eu ouvíamos a tudo sem nem ousar respirar.

- Minha pergunta é a seguinte: alguma vez já suspeitaram de que você fosse sonâmbula?

- Nunca, a não ser quando eu era muito nova.

- Então você já teve essa experiência quando criança?

- Sim, minha antiga babá me contava muito sobre isso. Meu pai sorriu e confirmou com a cabeça.

- Bem, eis o que aconteceu: você se levantou de sua cama, destrancou a porta e, em vez de deixar a chave na fechadura, pegou-a para trancar o quarto pelo lado de fora. E então levou a chave com você até um dos 25 cômodos deste piso, ou talvez tenha subido ou descido as escadas. Há tantos quartos, armários, mobílias e pilhas de madeira espalhadas por aí que

levaríamos uma semana inteira para vasculhar todo o castelo com a devida meticulosidade. Compreende o que quero dizer?

- Eu entendo, mas não totalmente – ela respondeu.
- Mas, papai, como explica o fato de ela ter aparecido no sofá do vestiário mesmo depois de a termos procurado lá dentro com toda a atenção?
- Ela chegou ao vestiário somente depois que vocês já haviam saído, e só então despertou de seu sonambulismo, ficando tão surpresa de se encontrar ali quanto qualquer um. Quisera eu que todos os mistérios pudessem ser explicados assim tão facilmente quanto o seu, Carmilla – falou ele, sorrindo. – E devemos ficar gratos por podermos garantir com toda a certeza que tudo pode ser explicado sem a necessidade de efeitos de medicamentos, fechaduras arrombadas, ladrões, assassinos ou bruxas, nada que seja motivo de insegurança para Carmilla, nem para mais ninguém.

Carmilla estava encantadora; nada superava a beleza dos

tons de sua tez. Seu charme era, creio, reforçado pela graça da languidez tão peculiar em seu semblante e em seus movimentos. Imagino que meu pai estivesse secretamente contrastando minha aparência com a dela, pois ele disse:

- Gostaria que minha pobre Laura pudesse recuperar sua habitual aparência. – E soltou um suspiro.

E assim encerraram-se todos nossos temores, e Carmilla estava mais uma vez na companhia de seus amigos.

CAPÍTULO IX

O doutor

Como Carmila não queria nem pensar em dormir com alguém em seu quarto, meu pai solicitou que um empregado ficasse do lado de fora de sua porta durante a noite, na intenção de que ela não tentasse fazer uma outra jornada sem antes ser impedida.

As horas passaram rápido naquela noite, e na manhã seguinte o doutor, cuja presença meu pai havia requisitado sem que eu tivesse tomado consciência disso, compareceu ao castelo para me atender.

Madame acompanhou-me até a biblioteca, onde encontrei o pequeno e sisudo homem a minha espera, com seus cabelos brancos e seus óculos, a mesma aparência de sempre.

Descrevi a ele minha história, e seu semblante ficava mais e mais austero a medida que minha narração progredia.

Estávamos de pé, próximo a uma das janelas, encarando um ao outro. Ao fim do meu relato, ele recostou-se na parede, seu olhar vidrado e profundamente sério encarando-me com um interesse perpassado por uma sombra de horror.

Após alguns minutos de reflexão, perguntou-me se podia falar com meu pai. Mandei chamá-lo, e, ao chegar a

biblioteca sorrindo, papai disse:

- Creio que me julgará um tolo por tê-lo chamado até aqui sem necessidade, doutor; espero que eu seja mesmo.

Mas seu semblante alegre foi aos poucos sendo tomado por uma expressão sombria quando o doutor, com o rosto muito severo, sinalizou para que eles falassem em particular.

Os dois estavam agora conversando no mesmo canto onde eu, há pouco, havia explanado ao doutor minha história. Eles pareciam discutir com muita seriedade. A biblioteca é bastante espaçosa, e madame e eu nos recolhemos em um canto afastado enquanto esperávamos pelo fim do debate, fervilhando de ansiedade. Nenhuma palavra deles chegava até nós, pois falavam em um tom totalmente inaudível e, além disso, o recesso da janela escondia o doutor por completo; do meu pai, víamos apenas um pé, um braço e um ombro. As vozes, acredito, ficavam ainda mais abafadas porque eram isoladas pela espessura da parede do recesso.

Transcorrido algum tempo, pude finalmente ver o rosto do meu pai, quando ele espiou por trás da parede; ele estava pálido, pensativo e, ao que tudo indicava, deveras perturbado.

- Laura, querida, venha aqui um instante. Madame, não vamos incomodá-la, pelo menos não no momento, segundo o doutor.

Aproximei-me então, sentindo-me pela primeira vez um tanto apreensiva quanto ao meu estado. Eu apresentava uma grande fraqueza, mas não me considerava doente; e força, imagino, é algo que podemos usar sempre que

tivermos vontade.

Meu pai, mantendo seus olhos no doutor, estendeu para mim sua mão quando cheguei mais perto, e disse:

- Isso tudo é de fato muito estranho; não consigo compreender. Laura, venha cá, querida, e tente se lembrar de sua história; o doutor Spielsberg tem algumas perguntas.

- Você alega ter sentido algo como duas agulhas perfurando-a em algum lugar próximo a região do pescoço, na noite em que teve o primeiro dos seus tão terríveis sonhos. Ainda há algum tipo de inchaço ou ardência na sua pele?

- Não, nada – respondi.

- Poderia me indicar a região aproximada em que sentiu essa pontada?

- Logo abaixo da garganta... aqui – respondi apontando com o dedo.

O vestido que eu usava cobria o lugar que eu indicava.

- Você se dará por satisfeito depois disso – disse o doutor a meu pai. – Você não se importaria se seu pai abaixasse um

pouco a gola do seu vestido, não é? Isso será necessário para eu poder comprovar a natureza dos sintomas dos quais vem sofrendo.

Eu podia tolerar aquilo; o ponto ficava a aproximadamente cinco centímetros abaixo da borda da minha gola.

- Por Deus! Então é verdade! - exclamou meu pai, empalidecendo visivelmente.

- Agora o senhor pode ver com seus próprios olhos - disse o doutor com um tom de triunfo macabro em sua voz.

- O que é?! - indaguei, começando a entrar em pânico.

- Nada, minha cara jovem, a não ser um pequeno hematoma, mais ou menos do tamanho da ponta do seu dedo mindinho. Agora - adicionou, dirigindo-se ao meu pai

-, a pergunta é: o que devemos fazer?

- Eu corro algum perigo? - perguntei, em completo nervosismo.

- Espero que não, querida - respondeu o doutor. - Não vejo razões que a impeçam de ser curada em pouquíssimo tempo. É neste ponto que começa a sensação de estrangulamento?

- Sim - respondi.

- Tente recordar-se ao máximo agora: foi neste mesmo ponto que teve início aquele calafrio, o qual acabou de me

descrever como uma corrente de água fria passando por seu corpo?

- Pode ter sido... Acho que sim.
- Ah! Percebe agora? - disse ele ao meu pai. - Posso ter uma palavrinha com a madame?
- Certamente - respondeu meu pai.

Ele chamou madame, e quando ela chegou o doutor lhe disse:

- A saúde da minha jovem amiga aqui está bastante debilitada. Porém, espero, não há nada que lhe traga consequências alarmantes; de qualquer modo, será necessário tomar certas medidas, as quais explicarei eventualmente. Até lá, madame, tome o cuidado de nunca deixar a senhorita Laura desacompanhada nem por um segundo. Por ora, essa é a única instrução que lhe ofereço, cuja importância é imprescindível.

- Sei que podemos confiar em você, madame - disse meu pai.

Madame assegurou-lhe veementemente que sim.

- E sei que você, querida Laura, vai obedecer a recomendação do doutor.
- Também gostaria de saber sua opinião a respeito de uma outra paciente, doutor, cujos sintomas, ainda que bem mais moderados em relação aos de minha filha, apresentam certa

similaridade com os de Laura. Trata-se de uma jovem garota, nossa hóspede. Mas não se preocupe em atendê-la agora; como disse que retornará a essas redondezas hoje a noite, convido-o para jantar conosco, e então poderá vê-la, pois ela não sai do quarto até o entardecer.

- Agradeço pela gentileza - disse o doutor. - Reunirei-me aqui com vocês por volta das sete horas desta noite.

Mais uma vez eles deixaram claras as instruções que madame e eu deveríamos seguir, e logo depois se retiraram. Pela janela, os vi caminhando pelo gramado entre a estrada e o fosso, claramente imersos em uma conversa carregada de seriedade.

Vi o doutor montar em seu cavalo, despedir-se de meu pai e em seguida partir para o leste em meio a floresta.

Praticamente no mesmo instante, o carteiro chegou vindo de Dranfield. Ele desmontou de seu cavalo e entregou uma bolsa a meu pai.

Enquanto isso, madame e eu nos ocupávamos em desvendar o porquê de termos recebido aquela tão distinta instrução imposta sobre nós pelo doutor e meu pai. Posteriormente, madame me chamou atenção para o fato

de que o doutor pudesse ter antevisto alguma catástrofe repentina e, sem ninguém a postos para me socorrer durante

uma das minhas convulsões, eu poderia ser seriamente lesionada, ou até mesmo perder minha vida.

Tal hipótese não me convenceu; em vez disso eu imaginei, tentando acalmar meus nervos, que a prescrição do doutor havia se tratado de um simples cuidado quanto a fragilidade do meu estado, e, portanto, eu deveria ter alguém ao meu lado que me prevenisse de fazer esforços desnecessários, ou de comer frutas ainda não maduras, ou de fazer qualquer uma das infinitas bobagens que os jovens estão supostamente predispostos a fazer.

Passada meia hora depois de meu pai ter entrado, ele disse, mostrando uma carta em sua mão:

- Esta carta está atrasada, e vem do general Spielsdorf. Ele devia ter chegado aqui ontem, mas agora só virá amanhã, ou quem sabe hoje mesmo ele nos visite.

Ele me deu a carta já aberta, mas não parecia feliz, como geralmente ficava quando tínhamos um visitante a caminho, principalmente quando esse visitante era o general. Pelo contrário, sua expressão denunciava que ele preferia seu amigo antes nas profundezas do Mar Vermelho do que em casa. Havia evidentemente alguma coisa em seus pensamentos que ele insistia em resguardar de nós.

- Querido papai, pode me esclarecer uma coisa? - perguntei de súbito, segurando-o pelo braço e fitando seu rosto com súplica nos olhos.

- Talvez - respondeu, acariciando suavemente meus cabelos.

- O doutor acredita que meu caso seja muito grave?

- Não, amor, ele diz que, se as devidas precauções forem tomadas, dentro de dois dias você estará completamente curada - ele respondeu, sem muito entusiasmo. - Queria que nosso bom amigo, o general, tivesse escolhido uma outra hora para nos visitar; digo, uma em que você estivesse perfeitamente saudável para poder recebê-lo.

- Mas diga-me, papai - insisti -, qual é o problema que o doutor acha que eu tenho?

- Nenhum. Agora chega de atormentar seu pai com perguntas - ele respondeu, com mais irritação do que eu jamais o vira manifestar. E, talvez notando minha mágoa, ele me beijou, adicionando:

- Você saberá sobre tudo em um dia ou dois; pelo menos tudo o que sei. Enquanto isso, não deve torturar sua mente quanto a esse assunto.

Deu então as costas e saiu da sala, mas retornou antes mesmo que eu tivesse parado de remoer todas aquelas questões estranhas na minha cabeça. Voltara para dizer que estava se dirigindo para Karnstein; já havia solicitado uma carruagem que chegaria as doze horas, e madame e eu deveríamos

acompanhá-lo. Ele iria fazer uma visita de negócios ao padre que morava próximo aquelas terras incomuns e inóspitas, e, como Carmilla nunca as havia visitado, ela poderia acompanhar-nos depois quando acordasse, com mademoiselle, que levaria consigo os utensílios necessários para fazermos um piquenique as sombras do castelo arruinado.

Como fora estabelecido, as doze horas eu já me

encontrava pronta, e pouco tempo depois meu pai, madame e eu partimos em nossa jornada.

Após cruzarmos a ponte levadiça, viramos para a direita, atravessamos a íngreme ponte gótica e, em seguida, dobramos em direção a oeste, rumo a vila desolada que abrigava as ruínas do castelo de Karnstein.

Não é possível conceber um caminho mais belo do que aquele, rodeado por árvores, com o terreno se erguendo em suaves colinas ou descendo rumo a belos vales, todos trajando o vistoso verde dos bosques. Aquela paisagem não ostentava as futilidades que a plantação artificial ou o cultivo precoce o faziam.

Com frequência, as irregularidades do terreno guiavam o caminho para longe de seu curso, fazendo-o serpentear graciosamente em torno das bordas rochosas dos vales e das encostas escarpadas dos montes, por entre uma variedade infindável de paisagens.

Em uma dessas curvas, subitamente encontramos nosso amigo, o general, que vinha a cavalo em nossa direção, acompanhado em outra montaria por um criado. Suas valises seguiam em uma carroça logo atrás.

O general desmontou perto de onde havíamos parado e, após as costumeiras formalidades, foi facilmente convencido a ocupar um lugar vago em nossa carruagem, enquanto deixava seu criado levar seu cavalo e suas malas para o schloss.

CAPITULO X

Desolado

Cerca de dez meses haviam se passado desde a última vez que vimos o general. No entanto, esse meio-tempo fora o suficiente para causar em sua aparência alterações que poderiam ter ocorrido em anos. Ele emagrecera; suas feições normalmente serenas e que tanto expressavam sua cordialidade haviam dado lugar a uma sombra de melancolia e aflição. Seus penetrantes olhos azuis agora expressavam um brilho frio por baixo de suas sobancelhas grisalhas e desgrenhadas. Havia nesses traços algo que ia além das transformações comumente induzidas pelo luto; ao que tudo indicava, algum sentimento mais colérico também os havia moldado.

Pouco tempo depois de retomarmos nossa jornada, o general, com aquela objetividade própria dos militares, começou a discorrer sobre sua “desolação”, nome que escolhera para chamar o sentimento que vinha suportando desde a morte de sua adorada sobrinha e protegida. Seu discurso, então, foi tomado por uma fúria e amargura intensas, e ele começou a maldizer as “artes diabólicas” que haviam vitimado sua sobrinha, expressando mais raiva do que clemência quão

incrédulo estava por saber que os Céus haviam permitido a existência dessa monstruosidade

impregnada de luxúria e crueldade vinda direto das profundezas do inferno.

Meu pai, tendo notado no mesmo momento que algo anormal havia acontecido, pediu a ele que deixasse claras as circunstâncias que o levavam a expressar-se de modo tão veemente, se isso não fosse tão doloroso para o general.

- Eu contaria tudo de bom grado - falou o general -, mas você não acreditaria em mim.

- Por que não? - quis saber meu pai.

- Porque - começou ele, impaciente - você não crê em nada que não sejam seus próprios preconceitos e devaneios.

Lembro-me de ser como você no passado, mas o tempo me ensinou algumas lições.

- Vá em frente, pode me contar - disse meu pai. - Não sou assim tão dogmático quanto você julga. Além do mais, reconheço bem sua capacidade de conseguir provar suas crenças, e por isso estou inteiramente disposto a honrar suas conclusões.

- Você está certo em supor que não foi por inocência que passei a acreditar no sobrenatural, pois o que experimentei é, sem dúvida, de natureza sobrenatural. Certas comprovações

extraordinárias não me deixaram outra escolha senão admitir a existência de algo diametralmente oposto as minhas teorias. Tornei-me o joguete de alguma conspiração mística.

Mesmo após ter dado sua palavra de que confiaria no depoimento do amigo, a expressão do meu pai ao encará-lo denunciava, a meu ver, um grave receio quanto a sanidade

do general.

Felizmente, o homem não notou isso; ele mantinha seu olhar sombrio e curioso nas clareiras das florestas que se espalhavam pela vastidão diante de nós.

- Estão a caminho das ruínas de Karnstein, não? - ele disse.

- É, essa é mesmo uma feliz coincidência; estava prestes a perguntar se poderiam me levar até lá para eu poder inspecioná-las. Procuo algo específico com essa exploração. É verdade que nesse lugar há uma velha capela arruinada e abarrotada de tumbas dos membros dessa extinta família?

- De fato, e são ruínas admiráveis - respondeu meu pai. - Suponho que esteja em busca de reivindicar o título e as terras?

A intenção do meu pai era fazer um gracejo, mas o general não esboçou nem aquele mínimo sorriso que tanto se espera da cortês relação entre amigos. Em vez disso, manteve seu semblante severo, e até assumiu um ar de hostilidade enquanto remoía as questões que tanto o enfureciam e horrorizavam.

- Busco algo muito diferente - disse ele, ríspido. - Pretendo desenterrar algumas daquelas pessoas abastadas. Espero, com a aprovação de Deus, cometer um sacrilégio piedoso que vai purgar a terra de certos monstros e permitir que pessoas de bom coração se deitem em seus leitos sem precisar temer o ataque de assassinos. O que tenho para lhe contar é aterrador, meu bom amigo, e de uma natureza que eu teria julgado como inacreditável poucos meses atrás.

Dessa vez meu pai não o encarou com receio nos olhos; pelo contrário, eles agora transmitiam um sentimento de perspicácia e alerta.

- A casa de Karnstein - meu pai começou a dizer - foi há muito extinta; pelo menos cem anos atrás. Minha amada esposa possuía sangue Karnstein por parte de sua mãe. Mas o nome e os títulos já não existem mais. O castelo está em ruínas e a vila, desabitada. Já faz cinquenta anos desde que a última chaminé expeliu fumaça naquela região; hoje não restam nem telhados ali.

- Isso é bem verdade. Soube de muitas coisas a esse respeito desde que o vi pela última vez; coisas que o assombrariam. Mas permita-me contar minha história na ordem de ocorrência dos fatos - falou o general. - Você chegou a ver minha protegida, a quem chamo de filha. Há apenas três

meses, ela era o ser mais belo e exuberante que já caminhara pela face da Terra.

- Oh, sim! Pobrezinha... Lembro-me que era, de fato, encantadora - disse meu pai. - Lamentei sua morte mais do que as palavras podem dizer, meu querido amigo; e sei que terrível golpe isso foi para você.

Ele pegou a mão do general, apertando-a gentilmente. Os olhos do velho soldado ficaram marejados, e ele não se importou em segurar suas lágrimas. Disse, enfim:

- Somos amigos de longa data; soube na hora que você se compadeceria de mim, já que não tenho herdeiros. Muito me interessava pelo bem-estar da garota, e ela retribuía meu zelo com tanta afeição que inundava meu lar e minha vida com a mais genuína alegria. Acabou-se tudo. Não são

muitos os anos que me restam aqui na Terra. Mas, com a bênção do Senhor, tenho esperanças de realizar um último serviço em nome da humanidade antes de morrer, e assegurar que o castigo divino caia sobre os demónios que assassinaram minha pobre filha no florescer de sua beleza e de seus sonhos!

- Você disse há pouco que contaria sua história em ordem cronológica - disse meu pai. - Imploro que o faça; garanto que não é só por curiosidade que anseio saber dela.

Àquela altura havíamos atingido o ponto em que a Rua Drunstall, por onde o general viera, se afastava do caminho que levava a Karnstein.

- A que distancia estamos das ruínas? - indagou o general, olhando pela janela da carruagem com ansiedade.

- Cerca de dois quilómetros e meio - respondeu meu pai. - Mas, por favor, conte-nos a história que teve a bondade de nos prometer.

CAPÍTULO XI

A história

- De todo o coração, será um prazer – disse o general, fazendo um esforço. Após uma breve reflexão, organizando os fatos em sua cabeça, ele deu início a uma das mais peculiares narrativas que já ouvi.
- Minha amada criança mal conseguia se conter de tanta felicidade enquanto aguardava para atender ao seu gentil convite para que ela visitasse sua bela filha – ele pausou para fazer-me uma cortês mas melancólica reverência. – Nesse ínterim da espera, fomos convidados a comparecer a residência de um velho amigo meu, o conde Carlsfeld, que mora em um schloss a aproximadamente trinta quilômetros em direção oposta a Karnstein. Seu desejo era que participássemos de uma série de festas que, como bem deve lembrar, o conde deu em honra ao seu tão ilustre visitante, o grão-duque Charles.
- Oh, eu me lembro; suas comemorações são esplêndidas
- disse meu pai.
- Principescas! Sua hospitalidade é sempre majestosa; ele até parece ser o portador da lampada de Aladim. Na noite em que tiveram início minhas dores, realizava-se um baile de máscaras.

Lamparinas multicoloridas estavam penduradas nas árvores dos jardins, e presenciamos

deslumbrados uma queima de fogos de artifício ainda a ser testemunhada por Paris. E a música... Você bem sabe que música é meu ponto fraco, e naquela noite ela estava simplesmente extasiante! Era tocada pela mais talentosa orquestra do mundo, na minha opinião, e os coristas ali presentes eram os melhores que se podiam encontrar em toda a Europa. Ao caminhar pelos fantásticos e luminosos jardins, sob a vigilância do belíssimo chateau banhado em luar e de cujas janelas compridas irradiava um brilho róseo, era possível ser de súbito arrebatado pelo feitiço daquelas vozes ecoando pelo ar, vindas de algum pequeno bosque silencioso, ou de algum barco, estendendo-se sobre as águas do lago. Sentia-me transportado de volta aos tempos de romance e poesia de minha mocidade.

“Ao fim da queima de fogos o baile finalmente começou, e nos encaminhamos para os suntuosos salões de dança. Você sabe, o visual de um baile de máscaras é fascinante; mas a magnificência daquele espetáculo era algo nunca antes visto por mim.

Aquela convenção era deveras aristocrática; eu era o único indivíduo 'desimportante' ali presente.

Minha querida menina estava maravilhosa. Ela não usava máscara. Sua admiração e deleite conferiam um encanto indescritível as suas feições já normalmente belas. Em certo momento, reparei que uma outra jovem, elegantemente vestida e usando máscara, parecia observar minha protegida com um interesse fora do comum. Eu a tinha visto mais cedo naquela noite no salão principal, e também mais tarde, caminhando perto de nós no terraço sob as janelas do

castelo. Uma dama de honra a acompanhava, também mascarada e trajando-se de maneira exuberante e cerimoniosa, e sua postura majestosa lhe concedia um ar de autoridade.

Estivesse a jovem sem sua máscara, eu decerto teria mais convicção sobre o fato de ela estar ou não observando minha pobre garota.

Hoje, sei perfeitamente que ela estava.

Estávamos agora em um dos salões. Minha querida filha descansava em uma cadeira próximo a porta após ter dançado por um tempo; mantinha-me por perto, de pé. Até que as duas moças mencionadas aproximaram-se, e a jovem ocupou um assento ao lado de minha protegida; sua dama de honra posicionou-se ao meu lado, e por um breve momento dirigiu a palavra a sua companhia, em um tom que não pude ouvir.

Aproveitando-se do anonimato conferido pela máscara, ela virou-se para mim falando como uma velha amiga, até chamando-me pelo meu nome, e deu início a uma conversa que muito me intrigou. Ela começou a enumerar várias ocasiões em que havíamos nos encontrado, como na Corte ou em distintas moradias, e fez referência a pequenos ocorridos fazia muitos anos esquecidos, mas que descobri estarem ainda latentes em minha memória, pois a lembrança deles foi reavivada no mesmo instante em que a moça os mencionou.

Minha curiosidade para desvendar a identidade daquela figura crescia constantemente. Ela evadia-se das minhas tentativas de descobrir, sempre bastante educada e ágil, e

o conhecimento que demonstrou sobre vários momentos de minha vida era inexplicável. Além disso, ela parecia comprazer-se em frustrar minha curiosidade e em me ver ser consumido pela minha inquietação diante das suas palavras.

Enquanto isso, a jovem garota, cuja mãe a chamara pelo peculiar nome de Millarca, nas poucas vezes em que se dirigira ela, conversava com minha protegida com a mesma desenvoltura e elegância.

Essa misteriosa jovem apresentara-se a minha filha alegando que sua mãe era uma parente minha, e muito distante. Em seguida, falou do quão agradável era poder ser um pouco mais audaciosa quando se utiliza uma máscara. Tal como sua mãe,

ela conversava como uma velha amiga; elogiou o vestido de minha protegida e insinuou de maneira muito meiga quão maravilhada estava com sua beleza. A garota também entretinha minha filha ao lançar críticas contra as pessoas do salão, rindo-se do divertimento da pobre criança. A jovem, de fato, sabia utilizar-se de sua perspicácia e vivacidade em momentos precisos, e, após terem-se tornado boas amigas, a desconhecida abaixou sua máscara, revelando um rosto admiravelmente belo. Eu não me recordava de tê-lo visto antes, tampouco minha querida filha, mas, não obstante o fato de ele nos ser uma incógnita, suas feições eram profundamente carismáticas e encantadoras, e resistir a sua tão dominante atração era algo impossível. Minha pobre menina não resistiu; eu nunca vira alguém tão enfeitiçado por outra pessoa a primeira vista, a não ser pela própria desconhecida, que também

parecia perdida de amores por ela.

Enquanto isso, favorecido pela liberdade proporcionada por um baile de máscaras, comecei a cobrir a dama mais velha de perguntas.

'A senhora já me deixou bastante confuso, madame', eu disse, rindo. 'Já não é o suficiente? A senhora consentiria em conversar de igual para igual, fazendo-me a gentileza de remover sua máscara?'

'Onde já se viu um pedido mais inadequado que esse?', indignou-se ela. 'Querer que uma dama abdique de uma vantagem! Ademais, como poderia me reconhecer? Os anos alteram nossas feições.'

'Sou prova disso', falei, fazendo-lhe uma reverência e rindo com uma pontada de melancolia.

'Assim nos dizem os filósofos', falou a dama. 'E de que maneira acredita uma olhadela em meu rosto será de alguma serventia para o senhor?'

'Eu apenas gostaria de arriscar', respondi. 'Não há por que passar-se por uma mulher idosa; sua silhueta a denuncia.'

'No entanto, anos decorreram desde que o vi, ou melhor, desde que você me viu; é a esse fato que me refiro. A moça sentada ali, Millarca, é minha filha; não posso, portanto, ser considerada jovem, nem mesmo pelas pessoas a quem o tempo ensinou a generosidade, e eu talvez possa não apreciar a comparação que fará entre mim e a lembrança que tem de minha pessoa. O senhor não tem máscara alguma para remover; não há nada que possa me oferecer em troca.'

'Rogo-lhe, por piedade, que retire sua máscara', insisti.

'E eu lhe rogo que a permita ficar onde está.'

'Bem, poderia ao menos me dizer se é francesa ou alemã?

Fala os dois idiomas com fluência admirável.'

'Temo que não possa revelar isso ao senhor, general; deseja pegar-me desprevenida, e está planejando mais alguma de suas investidas.'

'De qualquer maneira', falei, 'não pode negar uma coisa: por ter-me concedido a honra desta conversa, devo saber como referir-me a senhora. Devo chamá-la de condessa?'

Ela soltou uma risada, e teria decerto encontrado mais uma maneira de evadir-se da minha investida, se é que eu poderia considerar aquela conversa como tendo sido prévia e meticulosamente planejada, como hoje acredito que fora o caso.

'Quanto a isso...', ela começou a dizer, mas logo foi interrompida por um cavalheiro trajando-se inteiramente de negro, que tinha um aspecto elegante, mas com um inconveniente: seu rosto era mais cadavérico do que todos os que eu já vira, exceto pelo dos próprios cadáveres. Ele não usava máscara, nem estava vestido a caráter para o baile; usava as vestes noturnas comuns de qualquer cavalheiro.

Ele então falou, sem esboçar sorriso, mas apenas curvando-se em uma reverência cortês e estranha:

'A condessa me permitiria dizer-lhe algumas palavras que possam ser de seu interesse?'

A dama voltou-se para ele de modo repentino, e tocou com seu dedo os lábios em um sinal de silêncio para o homem. Olhando para mim novamente, ela falou:

'Guarde meu lugar, general; retornarei após uma breve palavrinha.'

Com essa ordem, dada em tom jocoso, ela retirou-se um pouco para o lado e começou a falar em particular com o cavalheiro de negro, permanecendo absorvida por alguns instantes no que parecia ser uma conversa bastante austera. Em seguida, eles caminharam vagorosamente para dentro da multidão, até eu os perder de vista por alguns minutos.

Passei esse intervalo com a cabeça fervilhando para solucionar o mistério da identidade daquela dama, que parecia lembrar-se de mim com tanta consideração. Eu cogitava unir-me ao diálogo entre minha bela protegida e a filha da condessa para tentar obter qualquer informação a respeito da dama, alguma que me fizesse surpreendê-la quando retornasse, como seu nome, título, chateau ou a região em que morava; porém, minhas intenções foram interrompidas com a aparição da condessa e do cavalheiro de negro. Ele disse: 'Ao retornar, informarei a condessa quando sua carruagem estiver pronta para a partida'.

Então se retirou dali com uma reverência.”

C A P I T U L O X I I

Um pedido

O general continuou sua história:

“Seremos privados da companhia da condessa, então; mas espero que apenas por poucas horas”, falei, e fiz uma reverência.

‘Pode levar algumas horas, de fato, ou até mesmo semanas’, falou a condessa. ‘É uma infeliz coincidência eu ter sido obrigada a retirar-me assim tão subitamente. Agora o senhor me reconhece?’

Assegurei-lhe que não.

‘Mas me reconhecerá’, ela disse. ‘Não agora, contudo. Somos melhores amigos, e mais velhos do que você possa suspeitar; mas ainda não me é permitido revelar quem sou. Dentro de três semanas visitarei seu lindo schloss, sobre o qual venho reunindo informações há algum tempo, e então poderemos passar uma hora ou duas reatando os laços dessa amizade, de cujos episódios passados recordo-me sempre com grande felicidade. Acabo de receber uma notícia que me atingiu como um raio; devo partir urgentemente por um caminho tortuoso de quase 160 quilômetros. Minha perplexidade é crescente. A única coisa

que me impede de fazer-lhe um pedido bastante particular é a compulsória reserva com a qual guardo minha

identidade. Minha pobre filha ainda não recobrou a totalidade de suas forças; ela caiu de seu cavalo durante uma caçada que acompanhava apenas como observadora, e seus nervos ainda estão abalados. Nosso doutor a proibiu, por ora, de realizar quaisquer tipos de esforços físicos. Por esse motivo nossa viagem até aqui foi feita em moderados percursos de trinta quilômetros por dia. Devo agora atravessar dias e noites em uma jornada de vida ou morte, uma missão cuja natureza arriscada e importante hei de explicar-lhe com toda a franqueza quando nos reencontrarmos, o que, espero, acontecerá em algumas semanas.’

Ela, então, fez seu pedido, e o tom que empregou parecia muito mais com o de alguém que estava conferindo um favor, e não pedindo um.

Sua veemência, no entanto, parecia irracional. Pois os termos expressos no pedido não poderiam ter sido mais simples; ela pedira apenas que eu me encarregasse de cuidar de sua filha durante sua ausência.

Ainda assim, considerados todos os aspectos, aquele fora um pedido deveras peculiar e até mesmo audacioso. Ela havia praticamente me desarmado ao evidenciar todos os infortúnios que poderiam resultar da minha recusa em cumprir a tarefa,

além de depositar toda sua confiança unicamente em meu cavalheirismo. E naquele mesmo momento, como que movida por uma fatalidade que parecia ditar todas nossas ações, minha pobre filha veio até mim e, em voz baixa, implorou para que convidássemos sua nova amiga, Millarca, para visitar-nos em nosso castelo. Ela

acreditava que, se sua mãe permitisse, isso seria de imenso agrado para a jovem.

Em outras circunstâncias, eu teria dito a ela para postergar um pouco aquele convite, pelo menos até tomarmos conhecimento de quem realmente eram aquelas pessoas. Mas, ali, eu estava de mãos atadas. As duas jovens me encurralaram juntas, e devo admitir que fui fortemente influenciado pela cativante beleza do rosto da garota desconhecida, o qual possuía toda a elegância e o esplendor característicos dos nascidos em berço de ouro. Dando-me por vencido, então, assumi a responsabilidade de acolher sob meus cuidados a jovem dama, cuja mãe a chamava de Millarca.

A condessa sinalizou para que sua filha se aproximasse, e a garota a ouviu com evidente atenção enquanto a mãe lhe explicava sobre o modo categórico e repentino com o qual ela fora coagida a ausentar-se daquelas terras, e também sobre o acordo que fizera comigo, acrescentando que eu era um de seus mais antigos e inestimáveis amigos.

Evidentemente, atentei-me a fazer os devidos comentários que aquela circunstancia demandava e acabei encontrando-me em uma posição que não me agradava nem um pouco.

Naquele meio-tempo, o cavalheiro de vestes negras havia retornado e de maneira bastante cerimoniosa escoltou a dama para fora do salão.

Algo de peculiar na conduta daquele homem me fazia acreditar que ele tentava me impressionar, pois parecia insinuar que a condessa era, em verdade, uma dama de maior prestígio do que seu modesto título me fazia

presumir.

O último critério que ela me incumbiu de cumprir foi deixar de lado quaisquer tentativas de procurar saber algo a mais sobre sua pessoa que eu já não tivesse idealizado.

'Mas neste lugar', ela começou a dizer, 'nem eu nem minha filha poderíamos ter um dia de estada segura. Cerca de uma hora atrás removi minha máscara por um breve momento de imprudência, e imaginei que o senhor pudesse ter me visto. Decidi, então, buscar uma oportunidade de dirigir-lhe a palavra. Tivesse eu realmente sido vista pelo senhor, não teria alternativa a não ser confiar plenamente em seu senso de honra para que preservasse o segredo de minha identidade por algumas semanas. Desse modo, sou grata por não ter tido nenhum vislumbre de meu rosto, mas, se você suspeita de

quem sou agora, ou se suspeitará mais tarde em suas reflexões, eu deverei do mesmo jeito acreditar que manterá sua palavra de não me expor. Minha filha há de cuidar para manter esse sigilo, e bem sei que o senhor vai de tempos em tempos lembrá-la disso, se ela, porventura, mostrar-se negligente quanto as suas obrigações.'

Ela então murmurou algumas palavras para sua filha, deu-lhe dois beijos apressados e partiu acompanhada pelo homem de negro, e juntos desapareceram na multidão.

'Na sala ao lado', disse Millarca, 'há uma janela que se abre para a entrada principal. Gostaria de ver mamãe mais uma vez e jogar-lhe um beijo.'

Assentimos, logicamente, e seguimos seus passos até a janela. Lá fora, havia uma magnífica carruagem ao estilo

antigo, rodeada por emissários e lacaios. Avistamos a figura franzina do pálido cavalheiro de negro segurando um espesso manto aveludado, que pousou sobre os ombros da condessa, puxando o capuz sobre sua cabeça. Ela olhou para ele e tocou em sua mão. O homem fez-lhe repetidas reverências enquanto a portinhola da carruagem se fechava, e então ela deu partida.

'Ela se foi', suspirou Millarca.

'Ela se foi', repeti para mim mesmo, pensativo. Após os agitados acontecimentos que se sucederam durante minha

aceitação do pedido, eu podia, enfim, refletir sobre a insensatez do meu ato.

'Ela nem olhou para trás', disse a jovem, melancólica. 'Acredito que ela já havia retirado a máscara, e não queria revelar seu rosto', falei. 'Além do mais, ela não tinha como saber que você estava na janela.'

A jovem soltou mais um suspiro e olhou-me no rosto. Ela era tão incrivelmente linda que fraquejei. Lamentei meu arrependimento momentâneo de ter-lhe oferecido minha hospitalidade, e naquele momento prometi a mim mesmo compensá-la pela descortesia velada de minha recepção.

A garota recolocou sua máscara e, unindo-se a minha protegida, as duas começaram a implorar que retornássemos aos jardins, onde os músicos estavam prestes a retomar o concerto. Assim fizemos, e nos dirigimos até o terraço situado abaixo das janelas do castelo.

Millarca tornou-se muito próxima de nós, e nos entreteve com inúmeras descrições e histórias a respeito da maioria

das pessoas a nossa volta no terraço. Afeiçoava-me por ela mais e mais a cada minuto. Nenhum dos boatos que nos revelava era mal-intencionado; pelo contrário, eles muito me divertiam, e eu ficava feliz por ouvi-los após ter passado tanto

tempo isolado do mundo. Eu só podia imaginar a quantidade de vida que sua presença traria as nossas noites solitárias.

O baile continuou até que as cores no horizonte prenunciaram a chegada do sol da manhã. Ao grão-duque agradava essas festas tão duradouras, pois podia distinguir quem realmente lhe era leal: as pessoas que permaneciam dançando ininterruptamente até a conclusão do baile.

Tínhamos acabado de atravessar um salão sobrecarregado de pessoas quando minha protegida perguntou por Millarca. Podia jurar que elas estiveram juntas o tempo todo, e minha filha pensou que ela estivesse comigo. O fato é que nós a havíamos perdido.

Em vão procurei por ela de todos os modos viáveis. Temi que, após uma momentânea separação, ela tivesse confundido seus novos amigos com outras pessoas do baile e, provavelmente, tentado nos reencontrar até perder-nos em meio a multidão nos vastos jardins que se estendiam a nossa volta.

Acabei me dando conta de mais uma imprudência em aceitar cuidar de uma garota de quem eu não sabia nada além do nome. E como encontrava-me preso pelas amarras das minhas promessas, cujas razões para serem impostas sobre mim eu desconhecia, minha busca por ela estava limitada, pois eu não podia nem abordar as pessoas

revelando que a garota desaparecida era filha de uma condessa que partira havia poucas horas.

O dia raiou. O Sol já subia muito acima do horizonte quando abandonei minha busca, e permanecemos sem notícia alguma da garota até as duas horas do dia seguinte.

Foi nessa hora que um criado bateu a porta de minha sobrinha e disse-lhe que havia recebido uma ordem muito enfática de uma garota bastante abalada. Ela queria saber onde podia encontrar o general barão Spielsdorf e sua filha, pois fora deixada sob seus cuidados por sua mãe.

Apesar da imprecisão quanto ao meu título, não tivemos dúvida de que se tratava de nossa jovem amiga; e, de fato, era ela. Se pelo menos a tivéssemos perdido!

Ela relatou a minha pobre filha a história por que havia permanecido perdida de nós por tanto tempo. Depois de penar exaustivamente para nos encontrar, a garota nos contou, ela se encaminhou para o quarto da governanta e lá caiu em um sono profundo que, apesar de ter sido longo, não fora o suficiente para recobrar suas forças após a fadiga que o baile lhe havia proporcionado.

Naquele dia, Millarca finalmente se uniu a nós em nosso lar. Após o ocorrido, eu estava imensamente feliz por ter garantido uma companhia tão encantadora a minha amada garota.”

C A P I T U L O XIII

O lenhador

“No entanto”, continuou o general, “os inconvenientes não tardaram em aparecer. Em primeiro lugar, Millarca queixava-se constantemente de extrema languidez, a qual era um resquício de seu recente estado debilitado, e não saía de seu quarto até que as horas da tarde já tivessem avançado consideravelmente. Além disso, acabamos descobrindo que, apesar de sua porta manter-se sempre trancada pelo lado de dentro até que a criada a fosse auxiliar no banheiro, ela por vezes saía de seu quarto pela manhã em um horário muito cedo, ou mais tarde durante o dia. Tomamos consciência desse seu hábito sem que ela suspeitasse de nossa descoberta. Por repetidas vezes a vimos das janelas do schloss, a débil luz dos primeiros raios cinzentos da aurora, caminhando por entre as árvores rumo a leste como se estivesse perdida em transe. Aquilo convencera-me de que ela era uma sonambula; mas esse fato não era o suficiente para resolver todo o mistério. Como ela se esgueirava para fora de seu quarto e ainda assim mantinha sua porta trancada por dentro? E como ela saía do castelo sem que nenhuma porta ou janela tivesse sido destrancada?

Entre todas as minhas perplexidades, surgiu uma aflição

de teor muito mais urgente.

A aparência e a saúde de minha doce filha começaram a apresentar uma debilitação preocupante, e de uma maneira tão misteriosa e terrível que fiquei intensamente horrorizado.

De início, ela era visitada por sonhos apavorantes; em seguida, começaram as aparições do que ela julgava ser um espectro, o qual se assemelhava ora a Millarca, ora a uma besta que mal podia ser distinguida, rondando sua cama. Por fim, vieram as sensações. Uma delas era bem peculiar, ainda que não fosse desagradável, e lembrava uma corrente de água gelada passando pelo seu peito. Posteriormente, ela queixou-se de ter sentido algo como um par de agulhas perfurando-a em um lugar pouco abaixo da garganta, o que lhe causara uma dor lancinante. Poucas noites depois ela relatou ter experimentado uma crescente e convulsiva sensação de estrangulamento, e, então, perdeu a consciência.”

Eu ouvia com absoluta clareza cada palavra pronunciada pelo bom e velho general, pois nesse momento atravessávamos um terreno macio de gramado baixo que se espalhava dos dois lados da estada. Já nos aproximávamos da vila cujas casas sem telhado haviam cessado de expelir fumaça de suas chaminés fazia mais de meio século.

Pode-se imaginar quão bizarro era para mim ouvir meus próprios sintomas sendo descritos de maneira tão fidedigna

aos da pobre garota que, não fosse pela tragédia que se seguiu, estaria naquele momento no chateau de meu pai como nossa visitante. É possível supor, ademais, qual foi

meu sentimento ao ouvi-lo detalhar os hábitos tão misteriosos e estranhos daquela desconhecida jovem, que eram, em verdade, os mesmos cultivados por nossa bela hóspede, Carmilla!

A floresta abriu-se diante de nós e, de súbito, encontramos-nos sob as chaminés e os frontões das velhas casas da vila arruinada. Mais a frente, despontando do meio de um grupo de colossais árvores, e nos observando do alto de uma discreta elevação, avistamos as torres e as ameias do castelo destruído.

Foi com a sensação de estar em um sonho aterrador que desci da carruagem; estávamos em silêncio, pois tínhamos todos muito no que pensar. Sem demora escalamos a elevação e nos vimos, enfim, em meio as amplas câmaras, as escadas em espiral e as galerias sombrias do castelo.

- E este foi outrora o suntuoso palácio dos Karnstein! - exclamou o general, enquanto admirava a vila através de uma larga janela e além dela a vastidão irregular dos bosques. - Uma família cruel, e aqui suas crônicas foram escritas a sangue. É repugnante saber que, mesmo após a morte, eles

continuam a empestar a terra com toda sua lascívia e atrocidade. A capela dos Karnstein fica ali embaixo.

Ele então apontou para uma construção gótica e cinzenta, parcialmente distinguível por entre os galhos das árvores, um pouco abaixo da encosta.

- Ouço o machado de um lenhador - ele falou. - Ele pode nos fornecer algumas informações sobre o que procuro, quem sabe me dizer onde fica o túmulo de Mircalla, a

condessa de Karnstein. Essas pessoas de vida rudimentar são conhecidas por preservar as tradições locais das grandes famílias do passado, cujas histórias morrem na boca dos abastados no mesmo momento em que essas famílias se tornam extintas.

- Em casa, temos um retrato de Mircalla. Você gostaria de vê-lo?

- Tudo a seu tempo, bom amigo - respondeu o general. - Creio já ter visto a própria. E o motivo que me levou a visitá-lo prematuramente foi a possibilidade de explorar a capela da qual nos aproximamos agora.

- O quê? Você já viu a condessa Mircalla? - exclamou meu pai. - Mas ela está morta há mais de um século!

- Não tão morta quanto você imagina, eu soube - disse o general.

- Tenho que admitir, você está me deixando profundamente confuso – respondeu meu pai, olhando para ele com o que me pareceu a mesma expressão receosa de antes. Mas, apesar das eventuais demonstrações de ódio do general, o velho soldado não parecia ter perdido o juízo.

Passávamos por baixo dos pesados arcos da igreja, que, a julgar pelas suas dimensões, era em estilo gótico. Nesse momento, o general falou:

- Interesse-me apenas em fazer uma única coisa durante o escasso tempo que me resta na Terra, e essa coisa é concretizar a vingança que, graças a Deus, ainda pode ser realizada pelas mãos de um mortal.

- Mas que vingança é essa? – indagou meu pai, ficando mais e mais perplexo.

- Decapitar o monstro – respondeu o general pisando forte no chão, um rubor enfurecido tomando-lhe a face enquanto o som de seu golpe ecoava lúgubre entre as paredes da ruína vazia. Seu punho cerrado ergueu-se no ar, e ele começou a golpear o nada como se estivesse brandindo um machado.

- O quê? – bradou meu pai, agora mais atônito do que nunca.

- Arrancar-lhe a cabeça.

- Você vai cortar sua cabeça?

- Sim, com uma machadinha, uma pá, ou o que quer que sirva para atravessar-lhe a mortífera garganta. Contarei como - ele respondeu, trêmulo de fúria. E então acrescentou, apressado: - Há uma viga caída ali que pode servir de assento; sua boa filha parece fatigada. Deixe-a sentar-se, enquanto digo as poucas sentenças que faltam para concluir minha horrenda história.

A viga de madeira, repousada em uma parte do piso tomada por vegetação, serviu-me como um banco, no qual me sentei com grande alívio. Enquanto isso, o general chamou o lenhador, que se ocupava cortando alguns galhos que se esticavam das árvores até a parede da construção arruinada. Em poucos segundos o velho homem estava diante de nós, empunhando seu machado.

Ele não sabia dizer nada sobre os túmulos que o general procurava, mas afirmou haver um velho, um guarda-florestal, no momento alojado na casa de um padre a três quilômetros dali; ele sabia onde estava cada túmulo pertencente a antiga família Karnstein. Por um preço

mínimo, e se cedêssemos um de nossos cavalos, o lenhador aceitaria ir buscá-lo e trazê-lo até nós em pouco mais que meia hora.

- Trabalha há muito tempo nesta floresta? - meu pai perguntou ao velho.

- Tenho sido lenhador nestas terras – ele começou a responder, em seu próprio dialeto – sob a supervisão do guarda-florestal, desde sempre. E meu pai também o foi, e o pai dele, e assim sucessivamente por tantas gerações quantas consigo contar. Eu poderia mostrar a vocês a casa em que meus ancestrais viveram aqui mesmo nesta vila.
- O que levou a vila a ficar deserta? – perguntou o general.
- Foram os mortos-vivos, senhor. Alguns foram seguidos até suas covas, identificados e depois eliminados como de costume, com a decapitação, em seguida com a estaca e, por fim, com a incineração. Mas, antes, muitos moradores foram mortos. Ainda assim, mesmo depois de termos seguido os procedimentos conforme dita a tradição, e tirado dos vampiros o terrível poder que os faz caminhar por aí, a vila não estava a salvo. Até que um dia um forasteiro, de passagem por aqui, um nobre da Morávia, acabou se informando sobre o que atormentava os aldeões. Ele possuía bastante conhecimento sobre como lidar com esses fenômenos, como muitos lá da sua terra, e se ofereceu para livrar a vila desse pesadelo. E foi o que ele fez: em uma noite em que a lua brilhava intensamente, um pouco depois do anoitecer, subiu até o alto do campanário desta capela, de onde ele conseguia ver claramente o cemitério logo abaixo. O senhor pode vê-lo ali pela janela. Ele esperou até

o vampiro se levantar do túmulo; o monstro então deixou ao lado da lápide sua mortalha e seguiu em direção a vila para assombrar os moradores.

Continuou o morador:

- O forasteiro desceu do campanário, pegou a mortalha esfarrapada do vampiro e subiu novamente para o topo da torre. Quando o vampiro retornou da sua caminhada, não encontrou sua vestimenta. Vendo o morávio no alto do campanário, o vampiro gritou furiosamente para ele, que em resposta desafiou o monstro a subir e a recuperar seus farrapos. O vampiro aceitou o convite e começou a escalar a torre. E, assim que ele atingiu a altura das ameias, o morávio fendeu seu crânio em dois com sua espada, fazendo-o cair de volta no cemitério. Em seguida, o forasteiro desceu as escadas espirais e, quando chegou onde estava o corpo, cortou-lhe a cabeça fora. No dia seguinte, levou o cadáver até os aldeões, que então o empalaram e o queimaram, como manda a tradição. O nobre morávio foi autorizado pelo então chefe da família Karnstein a remover dali o túmulo da condessa Mircalla, o que ele fez com sucesso. E, em pouco tempo, até a imagem da tumba foi esquecida.

- Conseguir lembrar onde ficava o túmulo? - perguntou o general, ávido.

O lenhador negou, sorrindo.

- Não há uma só alma viva que tenha esse conhecimento -
ele disse. - Além disso, dizem que o corpo da condessa também
foi levado; mas ninguém sabe ao certo.

Dito isso, o lenhador anunciou sua necessidade de partir.

Ele então largou seu machado no chão e saiu da capela,
deixando-nos para ouvir o que restara do estranho conto do
general.

CAPÍTULO XIV

O encontro

- O estado de minha tão amada filha - o general retomou sua história - ficava cada vez mais crítico. O doutor que contratei para tratar de sua “doença”, pois eu realmente acreditava que ela tivesse uma, não fora capaz de promover-lhe nem a mínima melhora. Percebendo minha angústia, ele me ofereceu o nome de um doutor mais experiente, de Gratz, e eu o chamei.

“Vários dias decorreram até que ele comparecesse. Era um homem temente a Deus e de bom coração, além de ser bastante instruído. Ele e o primeiro doutor examinaram minha infeliz protegida juntos e, em seguida, retiraram-se para minha biblioteca para discutirem sobre suas impressões. Da sala ao lado, onde eu esperava pelo seu chamado, pude ouvir os dois cavalheiros, praticamente aos gritos, imersos em uma conversa mais inflamada do que uma discussão filosófica. Bati a porta e entrei, e vi que o médico de Gratz defendia firmemente sua teoria, enquanto o outro, as gargalhadas, tentava refutá-la sob a alegação de que ela era ridícula. Aquele espetáculo indecoroso foi se esmaecendo enquanto eu entrava no aposento.

'Senhor', disse o primeiro médico, 'parece que meu erudito companheiro aqui acredita que você deva chamar um

feiticeiro em vez de um doutor.'

'Com sua licença, senhor', interveio o velho doutor de Gratz, contrariado, 'mas, em minha defesa, devo expor meu próprio parecer a respeito do caso no devido tempo. Lamento, monsieur general, que minhas habilidades e sabedoria não sejam suficientes para fazer-me útil a sua filha. Devo, no entanto, antes de partir, fazer a honra de sugerir-lhe algo.'

O homem assumiu um ar reflexivo. Ele então sentou-se a mesa e começou a escrever.

Profundamente desapontado, fiz uma reverência e voltei-me para a porta da biblioteca. Antes que eu saísse, o outro doutor apontou por cima do ombro para seu companheiro sentado e, com escárnio, começou a fazer movimentos circulares com seu indicador ao redor da orelha.

Depois dessa conversa, meu entendimento sobre o caso permaneceu exatamente o mesmo. Saí para os jardins, alheio. Passados dez ou quinze minutos, o doutor de Gratz me alcançou, desculpando-se por ter me seguido até ali, mas dizendo que não ousaria partir sem antes dizer-me algumas palavras a mais. Ele me assegurou de que não havia como sua opinião estar errada, que não existia nenhuma doença de causa natural capaz de provocar aqueles sintomas, e que a

morte estava perigosamente próxima. Restavam a minha filha ainda, no entanto, um ou dois dias de vida. Se sua próxima e fatal convulsão fosse evitada, sua força podia ser possivelmente recobrada, caso os devidos procedimentos fossem realizados com extremo cuidado. Mas, agora, tudo se equilibrava na fronteira do

inevitável. Mais um ataque e sua última centelha de vida, constantemente ameaçada pela morte, podia ser extinguida.

'E qual é a natureza desse ataque a que se refere?', eu perguntei em tom de súplica.

'Redigi tudo neste papel, o qual ponho agora em suas mãos com a condição incontestável de que chame o padre mais próximo e somente em sua presença leia o que escrevi. Sob nenhuma circunstancia deve proceder de outro modo. Caso contrário, você pode não dar a devida atenção ao seu conteúdo, e trata-se de um assunto de vida ou morte. Se, por acaso, o padre não puder comparecer, apenas neste caso leia sozinho o que escrevi.'

Antes de partir, ele me perguntou se era de meu desejo conhecer um homem que tinha uma peculiar sabedoria sobre a natureza do mal que afligia minha filha, natureza esta que chamaria minha atenção mais do que quaisquer outros assuntos, depois que eu lesse sua carta. Ele então insistiu com

urgência que eu mandasse chamar o tal homem, e em seguida partiu.

O padre não estava presente, e tive que ler a carta sozinho.

Estivesse eu em um outro momento da vida, ou lidando com um caso diferente, eu teria julgado seu conteúdo como risível.

Mas, por mais que a explicação do doutor a respeito dos fatos soasse como puro charlatanismo, quem se recusaria a acreditar nela quando todas as mais canônicas haviam falhado, e a vida de um ente querido encontra-se por um fio?

Pode-se dizer que nada alcançaria o nível de absurdo que

a carta do tão instruído doutor atingia.

Seu depoimento era monstruoso o bastante, tal que justificaria se o médico fosse internado em um manicômio. Ele alegava que o sofrimento da paciente resultava das visitas de um vampiro! Que as fisgadas sentidas por ela perto da garganta eram, em verdade, causadas pela penetração de dois longos e afiados dentes, os quais, como bem se sabe, são próprios dos vampiros. Reconhecia, sem sombra de dúvida, a presença da pequena e nítida marca no ponto da dor, a qual se assemelhava aquela deixada pelos 'lábios do demônio', como diziam as outras vítimas, as quais também alegaram ter apresentado exatamente os mesmos sintomas.

Sendo eu um completo cético quanto a existência de assombrações tal como os vampiros, encarei a teoria

sobrenatural do doutor como apenas mais um caso de alucinação estranhamente associada as pessoas de profunda inteligência. Contudo, eu me encontrava em um estado tão miserável que concordei em agir conforme as instruções da carta; melhor alternativa a não fazer nada.

Ocultei-me dentro do vestiário escuro, cuja porta se abria para o quarto da paciente. Perto dela, ardia a chama de uma vela. Permaneci ali observando-a pela fresta da porta até ela cair no sono, enquanto em uma mesa ao meu lado repousava a minha espada, conforme mandavam as diretrizes da carta. Até que, pouco depois da uma hora, vi algo preto e de forma indistinguível rastejar no chão ao redor da cama, e em seguida saltar em direção a garganta da pobre garota; naquele momento, aquilo começou a

inchar até se tornar uma grande massa pulsante.

Por alguns instantes, não fui capaz de mover um músculo sequer. Mas saltei para fora do vestiário, apanhando minha espada na mesa. Subitamente, a besta negra encolheu-se e correu em direção aos pés da cama; e ali na minha frente, de pé a menos de um metro da garota, eu vi Millarca, dardejando-me com um olhar furioso e aterrador. Sem pensar propriamente no que estava fazendo, golpeei-a com minha espada, mas ela de algum modo escapou para perto da porta, ileso.

Horrorizado, persisti e desferi-lhe um outro golpe, mas ela havia sumido, e minha espada vibrou chocando-se contra a porta.

Faltam-me palavras para descrever o que se passou naquela noite. Todos os criados acordaram, o castelo estava agitado. O espectro de Millarca havia sumido, e sua vítima desfalecia cada vez mais rapidamente. Antes do romper do dia, ela morreu.”

O velho general estava visivelmente perturbado. Nada dissemos. Meu pai afastou-se até para ler as inscrições nas lápides e depois entrou por uma porta que se abria para uma capela lateral a fim de continuar sua investigação. O general apoiou-se na parede, secou os olhos e deu um longo suspiro.

Foi um alívio para mim ouvir, de repente, as vozes de Carmilla e madame, que se aproximavam. Mas o som se afastou até desaparecer.

Naquela solidão, eu pensava na terrível semelhança entre meu caso e a misteriosa história do general, e em como se relacionava com os mortos daquela poderosa e nobre

família, cujas sepulturas decadentes se esfarelavam entre a poeira e a hera que nos rondavam. E ali, naquele lugar assombrado, escurecido pela densa vegetação que consumia as paredes silenciosas da capela, um horror começou a se apoderar de mim, e meu coração afundou no peito, pois imaginei que minhas amigas não mais entrariam ali para amenizar a atmosfera daquele cenário lúgubre e tenebroso.

Em certo momento, o velho general fixou seus olhos no chão e curvou-se, tocando na pedra de um túmulo arruinado.

E através de um umbral estreito, emoldurado pelos entalhes demoníacos tão próprios do estilo gótico antigo, vi o lindo rosto de Carmilla adentrar na capela escura.

Sentindo-me grata com aquela visão, ia me levantar e falar-lhe algo, e devolver-lhe o sorriso arrebatador que se abria em seu rosto, mas, de súbito, o velho homem apanhou o machado que o lenhador largara no chão e, gritando enfurecidamente, avançou em direção a Carmilla. O semblante da garota alterou-se de um jeito brusco e horrendo, e ela deu um passo para trás, encolhendo-se. Antes que eu pudesse soltar um grito, o general desferiu-lhe um golpe com todas as suas forças, mas ela esquivou-se; e então, com suas mãos pequenas, segurou-o pelo pulso. Por um momento, ele lutou para conseguir desvencilhar-se dela, e então abriu sua mão, deixando cair o machado. A garota havia sumido.

O general cambaleou e apoiou seu corpo contra a parede. Seus cabelos brancos estavam eriçados e sua face brilhava

de suor; ele parecia estar a beira da morte.

Em um instante, o assombroso incidente havia terminado. A primeira imagem da qual me recordo depois daquilo é a de madame, em pé diante de mim, perguntando repetidas vezes: “Onde está mademoiselle Carmilla?”.

Eu então respondi:

- Eu não sei... ela saiu por ali. - E aponteí para a passagem pela qual madame acabara de entrar. - Há apenas um ou dois minutos.

- Mas era justamente naquela passagem que eu estava, desde que Carmilla entrou, e não a vi retornar.

Madame então começou a ir em cada janela, porta e passagem da capela, chamando por Carmilla, mas sem obter resposta.

- A garota disse que se chamava Carmilla? - indagou o general, ainda em estado de choque.

- Sim, Carmilla - respondi.

- Ah! - exclamou ele. - Aquela é a própria Millarca, a mesma que no passado se chamava Mircalla, a condessa de Karnstein. Deve abandonar este solo amaldiçoado quanto antes, minha pobre criança. Vá para a casa do padre, e não saia de lá até nosso retorno. Vá! Que nunca mais chegue a olhar para Carmilla uma outra vez. Você não a encontrará aqui.

CAPÍTULO XV

Julgamento e execução

Durante a fala do general, vi entrar pelo mesmo umbral cruzado por Carmilla um dos homens mais estranhos que eu já vira em toda minha vida. Era alto, franzino e de ombros curvados, e vestia-se todo de preto. Seu rosto era escurecido e marcado por profundas rugas, e usava na cabeça um chapéu peculiar de abas largas. Seus cabelos longos e grisalhos caíam-lhe por sobre os ombros. Usava óculos de armação dourada e caminhava com um passo vagaroso e desajeitado, olhando ora para o céu, ora para o chão, e mantinha na face um sorriso que parecia nunca se esvaír. Os braços alongados e magros pendiam balançando, e negras luvas largas demais vestiam-lhe as mãos compridas, as quais gesticulavam constantemente de maneira vaga.

- Eis o homem! - exclamou o general, indo em sua direção com evidente entusiasmo. - Meu querido barão, que prazer em vê-lo, não esperava encontrá-lo tão cedo. - E então acenou para meu pai, que aquela altura já se encontrava na capela mais uma vez, e guiou ao seu encontro o excêntrico cavalheiro o qual chamava de barão.

O general o apresentou ao meu pai com cortesia, e logo os três estavam absortos em uma conversa de tom bastante

sério. De seu bolso, o estranho tirou um rolo de papel e abriu-o sobre uma tumba decrépita ali perto. Com um pequeno estojo na mão, começou a traçar linhas imaginárias no papel, dando forma ao que concluí ser a planta da capela, a julgar pelos olhares que eventualmente lançavam para certos pontos da construção. Sua “palestra”, se assim posso chamar, era acompanhada de ocasionais leituras que ele fazia de um pequeno livro surrado, em cujas páginas amareladas havia uma caligrafia escrita com esmero.

Eles então atravessaram um corredor lateral localizado em um ponto oposto ao qual eu me encontrava e continuaram falando. Em seguida, começaram a tirar algumas medidas, até todos se postarem diante de uma parede em cuja superfície fizeram um exame minucioso, arrancando dali a hera e retirando o reboco com a ponta de suas bengalas. Após poucos minutos de trabalho, descobriram uma grande placa de mármore gravada com letras em alto-relevo.

Com o auxílio do lenhador, que já havia retornado, conseguiram identificar na placa uma inscrição tumular e o entalhe de um brasão, elementos que confirmaram ser os mesmos encontrados na tumba perdida de Mircalla, a condessa de Karnstein.

O velho general, a quem eu não julgava afeito ao hábito de rezar, ergueu os olhos e as mãos para o céu em um gesto silencioso de agradecimento.

- Amanhã - ele disse - o comissário estará aqui, e a Inquisição procederá como dita a lei.

E então, virando-se para o estranho homem de óculos

dourados, tomou sua mão nas suas e a apertou vigorosamente, dizendo:

- Barão, como posso lhe agradecer? O que todos nós podemos fazer para retribuí-lo? Por sua causa, será expurgada destas terras uma maldição que tem sido o flagelo de seus habitantes por mais de cem anos. O vil inimigo, graças ao senhor, foi finalmente localizado.

Meu pai conduziu o desconhecido até um canto, e o general os seguiu. Eu sabia que sua intenção era afastá-los de mim para falar sobre meu caso e, enquanto discutiam, notei que lançavam olhares rápidos em minha direção.

Meu pai veio até mim, deu-me vários beijos e me levou para fora da capela, dizendo:

- Está na hora de partir de volta ao castelo, mas devemos antes trazer o padre até nós. Ele vive não muito longe daqui, e quero que ele nos acompanhe até o schloss.

Nesta missão, obtivemos sucesso. E tamanha era minha fadiga que fiquei mais do que grata por finalmente chegar em casa. Mas minha inicial satisfação migrou aos poucos para o desalento, quando não encontrei no castelo nenhum sinal de Carmilla. Nada foi-me dito sobre o episódio que se passou nas ruínas da capela, nem a mínima explicação, e estava claro que se tratava de um segredo que meu pai, por ora, decidira ocultar de mim.

Com a sinistra e misteriosa ausência de Carmilla, a recordação do episódio tornava-se para mim ainda mais assustadora.

Naquela noite, medidas não muito convencionais foram tomadas: além de madame, duas criadas deveriam fazer-

me companhia em meu quarto, enquanto meu pai e o padre montariam guarda no vestiário adjacente.

O clérigo realizou alguns ritos solenes, os quais eram tão incompreensíveis para mim quanto as razões para toda aquela vigília que seria realizada no intuito de garantir a segurança do meu sono.

Tudo ficou claro para mim apenas alguns dias depois daquela fatídica noite.

O desaparecimento de Carmilla foi acompanhado pela interrupção dos meus tormentos noturnos.

Decerto você já ouviu falar da assombrosa superstição propagada nas terras da Alta e Baixa Estíria, na Morávia, na Silésia, na Sérvia turca, na Polónia e até mesmo na Rússia; trata-se do que chamamos de vampiro.

Sobre essas criaturas, há testemunhos humanos validados por procedimentos conduzidos com seriedade, esmero e imparcialidade, e diante de incontáveis comissões cujos membros são selecionados conforme sua dignidade e erudição. Além disso, tais testemunhos produzem, possivelmente, um número mais volumoso de relatórios do que qualquer outro caso. Dessa forma, não se pode simplesmente negar, ou contestar que seja, a existência de fenômenos como os vampiros.

No meu caso, não possuo nenhuma outra teoria sobre o que presenciei senão aquela sustentada pelas crenças antigas e fortemente legitimadas pelos habitantes das regiões interioranas do país.

No dia que se seguiu, os procedimentos formais foram realizados na capela de Karnstein.

A tumba da condessa Mircalla foi aberta. O general e meu pai reconheceram ali o rosto da pérfida e bela hóspede que haviam acolhido em suas residências. Suas feições, ainda que transcorridos 150 anos desde seu funeral, mantinham os tons quentes apresentados em vida. Encontrava-se de olhos abertos;

não exalava o odor putrefato dos cadáveres. Os dois doutores, um formalmente autorizado a estar presente, o outro como representante do promotor do inquérito, constataram o assombroso fato de que ela ainda respirava, de modo bastante fraco e instável, mas perceptível, e seu coração pulsava do mesmo jeito. Seus membros permaneciam plenamente flexíveis, a pele era firme. O caixão de chumbo estava cheio de sangue, e o corpo encontrava-se imerso nos quase vinte centímetros do líquido viscoso e vermelho.

Todos aqueles sinais apresentavam as provas mais contundentes do fenômeno do vampirismo. E assim, conforme prescreve a antiga tradição, o corpo foi retirado dali, e o coração da vampira foi atravessado por uma estaca pontiaguda. No mesmo instante, ela soltou um grito estridente, que em tudo se assemelhava a um lamento saído de uma garganta viva na derradeira hora. Em seguida, deceparam-lhe a cabeça, e de seu pescoço jorrou sangue. O cadáver e a cabeça foram depositados em uma pilha de lenha e reduzidos a cinzas, que depois foram lançadas ao rio e carregadas para longe, e desde então aquelas terras nunca mais foram empestadas por vampiro algum.

Meu pai tem posse de uma cópia do relatório da Comissão Imperial, assinado por todos os que estiveram presentes na

realização do procedimento e atestaram a veracidade do ato. Foi desse documento oficial que coletei as informações para meu depoimento a respeito desta última e aterradora cena.

CAPÍTULO XVI

Conclusão

Suponho que você deve imaginar que minha mente está serena enquanto escrevo minha história; mas longe disso. É impossível recordar-me dela sem me inquietar. Não fosse pelo profundo desejo que você expressou de conhecer esta história, eu não teria motivo para dedicar-me a esta tarefa tão árdua, cujo teor vem deixando meus nervos a flor da pele há meses, fazendo ressurgir as sombras de um terror indescritível que, mesmo após eu ter me libertado de suas amarras, persiste atormentando meus dias e minhas noites, e tornando minha solidão insuportável.

Permita-me esclarecer um pouco mais sobre o exótico barão Vordenburg, a cujo peculiar conhecimento devemos o fato de termos encontrado o túmulo da condessa Mircalla.

Ele vivia em Gratz com uma escassa renda, que era tudo o que lhe sobrara da ostentosa herança de sua família na Alta Estíria. Havia dedicado sua vida a um estudo laborioso e detalhado dos mais autênticos documentos a respeito do vampirismo, e tinha a seu dispor toda sorte de obras existentes sobre esse tema: *fvagia Posthuma*, *Phlegon de fvirabilibus*, *Augustinus de cura pro fvortuis*, *Philosophicae et Christianae Cogitationes de*

Vampiris, de John Christofer Herenberg, e milhares de outros, dos quais, lembro-me, ele

emprestou apenas um pequeno número ao meu pai. Em sua posse, havia um volumoso compilado de todos os casos judiciais, nos quais ele identificara um padrão de princípios que parecia reger a condição dos vampiros. Devo ressaltar que a palidez cadavérica geralmente atribuída aos mortos- vivos não passa de uma fantasia melodramática. Tanto dentro do túmulo quanto em sociedade, eles exibem uma aparência bastante saudável. Se forem expostos a luz enquanto estão dentro de seus caixões, apresentam os característicos sintomas que atestam sua condição de vampiro, tal como a condessa de Karnstein, havia muito falecida, apresentava.

O que permanece um mistério inexplicável é como eles escapam de suas tumbas e regressam até elas todos os dias, sem mover a terra acima deles ou deixar quaisquer indícios de sua saída, nem no caixão, nem nas mortalhas. Os vampiros sustentam sua vida dupla renovando suas energias com seus sonos diários nas tumbas. Seu desejo horrendo e libidinoso pelo sangue dos vivos fornece a eles o vigor necessário para suas caminhadas. Eles tendem a ser completamente consumidos por um fascínio carregado de paixão ardente, assemelhando-se ao que certas pessoas sentem como amor. Para saciar seus desejos, os vampiros estarão dispostos a arquitetar quaisquer artimanhas possíveis, utilizando-se de uma paciência

inesgotável, visto que um obstáculo pode se interpor entre eles e seu objetivo durante séculos. Não desistem enquanto não saciarem sua paixão e drenarem toda a vida de sua cobiçada vítima. Mas, em tais casos, apesar de sua ansia arrebatadora, os

vampiros degustam seu prazer assassino da maneira mais parcimoniosa e prolongada possível, com todo o esmero de um adepto do epicurismo, valendo-se de abordagens ardilosamente corteses que parecem almejar algum tipo de aceitação ou consentimento. Quando a vítima é menos cobiçada, eles a atacam mais diretamente com um ímpeto extremamente violento, estrangulando-a e trucidando-a em um único banquete.

Aparentemente, há certas ocasiões em que o vampiro se encontra limitado por alguma condição especial. No caso em particular que relatei nestas páginas, Mircalla parecia de alguma forma presa ao seu nome, o qual, mesmo que não fosse de nascença, deveria ser constituído unicamente pelas mesmas letras, nenhuma a mais ou a menos; isso configura o que chamamos de anagrama.

Carmilla apresentava essa limitação, bem como Mircalla.

O barão Vordenburg ficou hospedado em nosso castelo por duas ou três semanas após a expulsão de Carmilla, e meu pai contou-lhe a história do nobre morávio e do vampiro no

cemitério da capela de Karnstein, e depois quis saber como o barão havia desvendado o mistério da exata localização do túmulo da condessa Mircalla, havia muito perdido. O semblante do barão franziu-se em um riso indecifrável; ele baixou os olhos para o velho estojo dos seus óculos e o revirou em suas mãos, ainda sorrindo. Olhou para meu pai e falou:

- Tenho incontáveis diários e outros documentos escritos por esse homem notável, e seu mais peculiar registro é justamente aquele sobre sua visita a Karnstein.

Obviamente, o relato foi distorcido ao longo dos anos. Diz-se que ele era morávio, pois havia se mudado e estabelecido residência naquelas terras, e, além disso, que era um nobre. Mas sua região de origem era, em verdade, a Alta Estíria. Devo mencionar também que durante sua juventude ele desenvolveu uma paixão fervorosa pela encantadora Mircalla, a condessa de Karnstein. Com a precoce morte da amada, ele mergulhou em um profundo e inconsolável luto.

O barão então continuou:

- É natural que os vampiros se desenvolvam e se multipliquem, e isso acontece conforme princípios bastante definidos e fantasmagóricos. Para começar, considere um território totalmente livre dessa praga. De que maneira a espécie dos vampiros pode ter se iniciado e como ela pode proliferar? Eu lhe digo. Alguém, de índole um tanto maligna, põe

um fim a própria vida; um suicida pode vir a se tornar um vampiro, dependendo das circunstâncias. Esse espectro então visita os vivos em seu sono e, quando eles morrem e são enterrados, em quase todos os casos se transformam em vampiros. Esse foi o caso da bela Mircalla, que foi assombrada por um desses demônios. Esse fato foi descoberto pelo meu ancestral Vordenburg, cujo título eu herdei, e ele pôde aprofundar-se no tema ainda mais durante os estudos aos quais dedicou sua vida. Entre outras coisas, ele concluiu que mais cedo ou mais tarde as suspeitas de vampirismo provavelmente recairiam sobre a falecida condessa, que em vida fora sua musa. Fosse o que fosse o que ela havia se tornado, ele ficou horrorizado com o fato de que seus restos mortais seriam profanados por

aquela injuriosa execução póstuma. Assim, ele redigiu um documento singular no qual afirma que, quando o vampiro é expulso de sua vida dupla, ele é lançado em existência ainda mais horrenda. E decidiu, então, salvar sua outrora amada Mircalla desse cruel destino. Assim, ele pôs em prática um plano: viajou até onde ela estava enterrada, simulou a retirada de seu cadáver dali e ocultou sua sepultura. Quando a velhice, enfim, o alcançou, ele ergueu seu olhar da decadência dos anos e voltou-o para o passado, observando as atitudes que havia tomado pelo caminho. Só então, com um espírito totalmente modificado, tomou consciência do que havia feito, e um horror

apoderou-se de sua mente. Ele traçou as instruções que me levaram até o devido lugar, além de acrescentar-lhes uma confissão sobre o ato fraudulento que havia cometido. Se era sua intenção fornecer mais algum auxílio que fosse útil a essa busca, a morte o impediu. E suas vontades tiveram que ser concretizadas pelas mãos de um descendente distante que, mesmo tendo demorado tanto, direcionou a sua rota até o covil da besta.

Continuamos a falar por um tempo, até que ele disse:

- Um sinal característico dos vampiros é a força que têm nas mãos. No momento em que o general ergueu seu machado contra ela, a delgada mão de Mircalla envolveu seu pulso apertando-o como um torno. Mas a dormência resultante do aperto não se limita ao ponto agarrado; ela se espalha por todo o membro, que se recupera do trauma apenas lentamente, isso quando se recupera.

Na primavera seguinte, meu pai levou-me em uma

excursão através da Itália, onde permanecemos por mais de um ano. Naquela época, os horrores dos eventos aqui narrados ainda eram muito recentes para que estivéssemos totalmente aliviados. E até o presente momento minha memória é invadida de um jeito ambíguo pela imagem de Carmilla: ora como uma garota agradável, languida e encantadora; ora como a criatura demoníaca que vi nas ruínas da igreja. E com frequência, após

despertar de um devaneio, imagino ter ouvido na sala de estar os delicados passos de Carmilla.

InfoLivros.org

